

Mônica de Fátima Coelho  
Reginaldo dos Santos Simões

**FUTEBOL, RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA**  
DEBATES NECESSÁRIOS PARA A NOSSA ÉPOCA



2020

Mônica de Fátima Coelho  
Reginaldo dos Santos Simões  
(Organizadores)

**FUTEBOL, RELIGIÃO,  
EDUCAÇÃO E CULTURA**  
**DEBATES NECESSÁRIOS PARA A  
NOSSA ÉPOCA**



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora  
Copyright do Texto© 2020 Os Autores  
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora  
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora  
Edição de Arte: A editora. Capa: canva.com  
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

#### Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

#### Ficha Catalográfica

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C672f	<p>Coelho, Mônica de Fátima. Futebol, religião, educação e cultura [recurso eletrônico] : debates necessários para a nossa época / Mônica de Fátima Coelho, Reginaldo dos Santos Simões. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 57p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-11-6 DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786588319116">https://doi.org/10.46420/9786588319116</a></p> <p>1. Futebol. 2. Religião. 3. Cultura. 4. Educação. I. Simões, Reginaldo dos Santos. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

#### **Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Apresentamos três textos distintos entre si que podem suscitar discussões individuais ou entrelaçadas com o objetivo de destacar a questão cultural e educacional presente neles. Ensejando que o público em geral não somente tome conhecimento dos mesmos, mas realize, por meio de suas leituras e releituras dos textos aqui colocamos: uma participação e ampliação da discussão para a qual demos início.

No texto **Futebol, cultura e sociedade**, trazemos os sonhos dos jovens de uma pequena do interior do Paraná (não muito diferente daqueles espalhados pelos rincões do Brasil) em serem jogadores de futebol. Bem como os sacrifícios que realizam em busca de um lugar ao sol, que só chega para 1% dos jogadores que vemos expostos na mídia. Colaborou com isto, por muito tempo, a existência na cidade de Bandeirantes, Paraná, de um clube de futebol que tinha entre as suas principais características a formação de jovens jogadores.

No texto **A transição campo-cidade e a religião entre os jovens** identificamos o esfriamento da fé na medida em que as sociedades se tornam cada vez mais urbanizadas. Construindo outras relações, com vínculos diferentes daqueles predominantes à vida no campo, principalmente relacionados com as famílias e a participação efetiva na vida religiosa. Gerando os membros de uma religião não praticantes e não envolvidos com o sagrado tanto quanto é verificado em um ambiente rural.

Em **Nietzsche e a educação brasileira no século XXI**, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico para analisar como a educação na sociedade ocidental vem se deteriorando. Não alcançando os padrões de qualidade necessários para a formação de uma juventude apta para a cidadania e para o mundo do trabalho, como preconiza a Constituição Federal Brasileira de 1988. Desta forma, o Brasil perde muito em capacidade produtiva por causa da educação deficitária que apresenta para nossos estudantes.

Assim, esperamos que os textos possam ser úteis para o debate acerca de cultura, religião e educação. Que eles não esgotem em si mesmos e que o leitor possa aproveitar estes textos como introdutórios nos assuntos abordados e utilizá-los não apenas como entretenimento, mas também como fonte de pesquisa para a realização de outros trabalhos sobre os mesmos.

**Os autores**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	4
<b>Capítulo I</b> .....	6
Futebol, cultura e sociedade: o sonho dos meninos de bandeirantes/PR em serem jogadores de futebol famosos no princípio do Século XXI (2005- 2010) .....	6
<b>Capítulo II</b> .....	26
A transição campo-cidade e a religião entre os jovens .....	26
<b>Capítulo III</b> .....	39
Nietzsche e a educação brasileira no século XXI.....	39
<b>Sobre os Autores</b> .....	55
<b>Índice Remissivo</b> .....	56

# **Futebol, cultura e sociedade: o sonho dos meninos de bandeirantes/PR em serem jogadores de futebol famosos no princípio do Século XXI (2005- 2010)**

## **INTRODUÇÃO**

Para compreender melhor o tema, suas expressões peculiares, e relevância aos que dedicam uma parcela significativa de suas vidas ao mundo da bola faz-se necessário mergulhar neste universo assistindo algumas partidas junto às torcidas, acompanhando programas diários dedicados futebol, se aproximando dos que o praticam e registrando a memória viva dos que muito sabem dessa paixão adotada como patrimônio nacional.

Na tentativa de decifrar a sociedade pela fresta da prática futebolística, buscou-se compreender o sentido que esse esporte dá à vida das pessoas, com marcas visíveis em suas atitudes, hábitos, reações, expectativas e até alienações.

Voltando para a história oral essa pesquisa de campo se propõe a investigar: Existe uma real contribuição do futebol para o povo brasileiro, em especial aos jovens em formação? Qual o impacto para a vida acadêmica de quem dedica a maior parcela de sua infância e adolescência a uma única prática esportiva? Como ficam os jogadores que não se incluem no restrito grupo dos bem sucedidos como jogadores profissionais?

Este trabalho objetiva analisar a própria história do futebol brasileiro e nossas participações em copas do mundo FIFA, o mais importante torneio de futebol de seleções do planeta, que ocorre de quatro em quatro anos. E relacionar o universo do futebol as respostas obtidas junto ao um grupo de rapazes bandeirantenses, que tem e/ou tiveram suas vidas dedicadas ao futebol, atrelando-as à memória

popular na cidade de Bandeirantes e ainda relacionando a história local ao grande elemento de identificação nacional: o futebol.

Sendo realizado com perguntas abertas sobre o cotidiano dos ex-atletas e suas expectativas diante da profissão de jogador de futebol profissional. Estas perguntas foram respondidas e gravadas em aparelhos eletrônicos para serem transcritas, analisadas e selecionadas. Com o intuito de verificar o impacto do futebol na vida destes jovens, que tinham o desejo de serem jogadores ricos e famosos.

Encerramos o texto com reflexões sobre o futuro do futebol em nosso país, que ainda não digeriu completamente as derrotas mais recentes. Sendo a última de forma humilhante com a eliminação da copa do mundo FIFA, 2014, realizada em solo brasileiro.

## **MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Na linha adotada com êxito pela história a busca pela compreensão do humano, por meio das mentalidades confirmou a predileção para o estudo da cultura popular.

Seria errado transformar os dados da psicologia individual coletiva e, mais comparar a aquisição da psicologia coletiva e, mais ainda, comparar a aquisição do domínio do tempo pela criança com a evolução dos conceitos de tempo através da história. A evocação desses domínios pode, no entanto, fornecer algumas indicações gerais, que esclarecem, metaforicamente, alguns aspectos da oposição passado/presente em nível histórico coletivo (Le Goff, 2003).

Numa sociedade carente de registros confiáveis e marcada pelo esquecimento e passividade diante de fatos que alteram decisivamente sua vida, recorreremos mais uma vez a este historiador francês, membro da Escola dos Annales. Le Goff nos alerta também para a amnésia, não do ponto de vista biológico, mas a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos ou nações, que pode gerar perturbações graves na identidade coletiva.

A memória é aqui entendida para além da informática através do armazenamento dos dados em computadores. A memória humana se distingue da eletrônica por ser instável e criativa. Quando falamos de memória coletiva as variáveis encontram um infinito de possibilidades na construção da identidade de uma nação ou grupos, pois vem marcada por paixões e esperanças. Assim a história recorre incansavelmente a esse recurso exclusivamente humano:



Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (...), A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (Pollak, 1992).

Para o historiador Eric Hobsbawm, a destruição dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas é o fenômeno mais característico do final do século XX. Isso nos coloca diante de graves questões: Como as gerações futuras viverão sem o sentimento de pertença? Quais serão suas referências? Seria a morte da cultura popular em nome da globalização?

O desconforto causado por esses questionamentos ganha peso com os estudos que afirmam:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo às descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação da memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (Moscovici, 2003).

O que a história, que não é mais a dos grandes nomes e vultos, se propõem a realizar é, estabelecer elos entre o estudo e o estudado, de modo que este se sinta representado e identifique-se com os discursos.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (...) Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Woodward, 2007).

As palavras de Stuart Hall contribuem em muito para a nossa compreensão da real necessidade de um projeto de nacionalidade que passa pelo fortalecimento do pequeno povoado ou município e por sua gente simples que pensa, trabalha e celebra.

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade que anula e subordina a diferença cultural (Hall, 2002).

A história nessa concepção atinge as pessoas comuns em seus infinitos grupos de pertencimento: a mulher, o negro, os trabalhadores, mesmo um pequeno time ou jovens interioranos, a quem no passado foi negado o seu devido valor.

O conhecimento do passado é pelo presente, são sempre as experiências cotidianas que nos servem de elementos para a reconstituição do passado. A história não seria mais entendida como ciência do passado, passado não é objeto de ciência, porque a história é a ciência dos homens no tempo (Bloch, 2001).

## **O FUTEBOL: ELEMENTO AFIRMADOR DE IDENTIDADE NACIONAL**

O futebol não é um código de difícil decifração, ele pode ser visto como linguagem, um código comum a todos. No caso do Brasil, em que o esporte se popularizou aos extremos, parte-se do pressuposto que todos estão interessados nele e, por conseguinte, são capazes de falar sobre ele. Dificilmente são encontrados garotos que não joguem bola. Assim, falar sobre futebol passa a ser uma forma de falar sobre o país e sobre a identidade de uma nação.

O futebol começa a ser praticado no Brasil no final do século XIX, em um período de transição da monarquia para a república (Guilherme, 2006). O esporte teve, no início, um caráter elitista, porém entre os anos de 1910 e 1920, o desenvolvimento industrial trouxe para as cidades brasileiras um grande número de trabalhadores. Nos bairros periféricos onde as opções de lazer eram remotas o futebol começa a se popularizar (Rossi; Mendes Junior, 2014). Assim, o esporte passou a ser disputado em áreas “de várzea”; clubes foram criados, com ligas independentes.

E sobre o complexo processo de construção do futebol como símbolo de uma identidade brasileira, tornado uma natureza, interrogando-se sobre as condições que tornaram possível e desejável essa associação entre o brasileiro e o futebol. Desnaturalizando essa identidade mostra-nos que ela é histórica, e por isso marcada pelos homens e suas ações num tempo (Moura, 1998).

No plano geopolítico mundial, a Primeira Guerra Mundial trouxe consequências diretas ao nosso país. A cultura europeia, sempre reverenciada, passou a ser relativizada, e esforços foram feitos para valorizar características culturais genuinamente brasileiras.

A partir dos anos 30, com a realização da primeira Copa do Mundo no Uruguai, o que acontece é uma estruturação cada vez mais intensa do futebol, que passa a ser mais bem organizado (Guilherme, 2006). Getúlio Vargas percebe nesse movimento, a possibilidade de divulgar uma imagem moderna do país. No Brasil do samba, da mulata, do carnaval, do malandro e outros tantos estereótipos surgiram ou foram consolidados nesta época. Foi assim que o ideário modernista foi convertido em política de governo, e o Estado passou a intervir na cultura como nunca o fizera.

Pôde difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional (Ortiz, 1985).

Considerando a aceitação popular esses elementos entre eles com destaque o futebol, foram utilizados para atrair a atenção do povo brasileiro e criar a identificação deste com sua “nação” sem alterar as estruturas políticas e econômicas que sempre beneficiaram os poderosos.

A frase do ex-jogador Romário (disponibilizada no site Terra em 8 de maio de 2006), hoje deputado federal pelo Rio de Janeiro, pronunciada antes da conquista da Copa de 1994 reforça o papel do futebol para essa nação: “*Acho que depois de tanta coisa ruim e triste que aconteceu este ano (...), o Brasil merece a Copa. Eu posso colocar a Copa do Mundo para o brasileiro como se fosse um prato de comida. Se a gente ganhar esta Copa, estará dando um prato de comida para esse povo que está com fome*”.

Na década de 30 o rádio foi o grande divulgador através de uma linguagem abrangente tendo em vista atingir todas as camadas sociais, que cada vez mais participa ativamente das competições, inclusive as competições vêm aos poucos à inclusão dos negros na seleção, confirmando a nossa vocação como um país de diversidade cultural. Nossos avós ouviam rádio o tempo todo, já que este permite a movimentação nos serviços domésticos e outros afazeres, podendo ser levado para a roça. No círculo das famílias próximas as suas residências o que era dito no rádio era visto como uma verdade absoluta. Atualmente as pessoas se referem ao Fantástico da Rede Globo como uma fonte de informações segura, há algumas décadas este status era atribuído ao rádio.

Em “Casa-Grande e Senzala”, Gilberto Freyre (2004), faz uma defesa da miscigenação de raças promovida na história do Brasil. O futebol era para ele mais uma das áreas na qual o brasileiro se sobressairia diante os demais graças à mistura de povos, com destaque o negro.

Daí em diante o Brasil segue orgulhoso do seu futebol criativo, cheio de dribles e gols. Hoje o esporte ocupa horários nobres nas principais emissoras de televisão aberta em programas diários e disputam as transmissões das partidas em transações milionárias.

Os seus craques são ídolos da garotada e vendem de tudo, participando de campanhas publicitárias: meias, refrigerantes, canais de TV a cabo, cervejas, carros. Mais do que admiração pode-

se dizer que são adorados como quase heróis ou deuses do Olimpo: cortes de cabelo são copiados, danças repetidas, músicas entram entre as mais ouvidas do país, e até do mundo, as gírias se espalham e os erros graves são perdoados, enquanto esses mitos são expostos na mídia e estão a serviço da indústria capitalista tanto em escala nacional, como em escala mundial.

Na necessidade de construir uma nação, no gigante território brasileiro, o futebol foi um dos fatores fundamentais, auxiliando na construção de um perfil do brasileiro, alegre e malandro. Perfil reforçado na atualidade pelo garoto propaganda e atacante dos Santos, Neymar, com o lema: “ousadia e alegria” (Rossi; Mendes Junior, 2014).

### **BREVE HISTÓRICO DA PAIXÃO NACIONAL**

O Brasil viveu duas décadas de aprendizado e adaptação ao esporte inventado pelos ingleses e trazido ao país por Charles Willian Miller. Filho da brasileira Carlota Alexandra Fox, cujos pais eram ingleses e, do escocês John Miller, funcionário da São Paulo Railway, a ferrovia que fazia a linha, Santos/São Paulo transportando, principalmente os imigrantes que vinham trabalhar nas lavouras e cidades. Ele organizou o primeiro jogo de futebol do país, em São Paulo, em 14 de Abril de 1895. Em 1901 foi vez do Rio de Janeiro ter seu primeiro jogo oficial e em 1902 foi disputado o primeiro confronto entre paulistas e cariocas (Guilherme, 2006).

À medida que a ferrovia contribuía para a ocupação territorial os imigrantes levavam a bola de couro e a prática do futebol às diversas regiões desse imenso país.

A rivalidade nascida nos primórdios da história do esporte no Brasil acabou por impedir que a Seleção Brasileira se mostrasse em sua melhor forma na primeira copa do Mundo (1930 - Uruguai), pois foi representada apenas por times cariocas. Podemos dizer que o país ainda não vivia o futebol com profissionalismo. Assim, em 1934 o Brasil participa de apenas um jogo na Itália, e volta pra casa, derrotado, pelo sistema mata-mata. Em 1938, na França o Brasil começa a revelar a seu potencial chegando até a semifinal.

Dentre os grandes prejuízos da Segunda Guerra temos a interrupção da Copa do Mundo, assim como outros eventos esportivos que poderiam ter desenvolvendo-se muito mais, esta só voltou a ser disputada em 1950. Nessa Copa o Brasil foi sede do mundial, já que a Europa encontrava-se em fase de reestruturação após ser arrasada pela Segunda Guerra Mundial (Heizer, 2014). O país quase teve a alegria completa, sendo derrotado na final no Maracanã pelo Uruguai. Uma “tragédia” conhecida como *Maracanazo* (Heizer, 2014). A partir daí seguiu-se um período quase que de luto, ficando inclusive a seleção sem jogar por quase dois anos. Quando retornou, a camisa branca foi substituída pela amarela usada em 1954 na Suíça, ocasião em que o time nacional chega até as quartas de final.

Em 1958, na Suécia, após uma reestruturação da seleção brasileira, ela consegue seu primeiro título de campeã em Copa do Mundo e revela ao mundo Pelé, reconhecido por muitos até os dias atuais como o maior jogador de futebol de todos os tempos. O “o rei que nascia, o rei negro, o rei do futebol” é brasileiro. Essa Copa selou a relação brasileira futebol-arte (Heizer, 2014).

Em 1962 a América do Sul volta a ser sede das competições e no Chile o Brasil confirma o seu favoritismo, tendo alcançado o título de bicampeão (Guilherme, 2006). Já na Copa de 1966, disputada na Inglaterra a seleção voltou cedo pra casa. Após vencer a Bulgária por 2 a 0 com gols de Pelé e Garrincha, a seleção foi derrotada por Hungria e por Portugal. Ambos os jogos acabando em 3 a 1, caindo logo na primeira fase, “parece que esta copa não havia sido organizada para uma seleção de fora da Europa ser campeã”. (Heizer, 2014).

México em 1970, que o país conquistou o tricampeonato mundial, Pelé disputando sua última Copa do Mundo. Sendo elevado pelo governo Médici ao posto de herói nacional na tentativa de formar uma imagem positiva do regime militar junto ao povo brasileiro. Que diferente do que muitas pessoas divulgaram durante décadas teve o dedo do técnico Zagallo, que não foi até o México apenas a passeio:

Uma amostra da participação fundamental de Zagallo para o sucesso daquela seleção veio da final contra a Itália. Antes da partida ele projetou filmes com as últimas exhibições da Itália e mostrou os pontos fracos do time italiano. Uma grande inovação para aquela época (Rossi; Mendes Junior, 2014).

De 1974 a 1990: na Alemanha, Argentina, Espanha, México e Itália a seleção brasileira viveu de expectativas frustradas chegando bem próximo às finais, mas não conquistando os títulos.

Somente em 1994, nos Estados Unidos o Brasil se torna tetracampeão nos pênaltis, uma vitória inédita no histórico das competições. A rivalidade entre Itália e Brasil foi reforçada, pois esta também disputava o tetracampeonato. Que só acabou decidido após a primeira disputa de pênaltis em uma final de Copa do Mundo (Heizer, 2014).

A França em 1998 foi palco de um grande fiasco, quando a seleção se mostrou apática diante da anfitriã na grande decisão, quando os franceses conquistaram o título facilmente. No imaginário dos brasileiros, essa Copa ficou mal explicada, visto que tinha craques capazes de derrotar tranquilamente a seleção francesa. Uma das tentativas de explicação foi a questão do stress sofrido com muita responsabilidade e o que estava em jogo naquele fatídico dia 12 de julho de 1998 (Heizer, 2014). Entretanto, para outros, a seleção perdeu por causa de sua incapacidade técnica, mesmo que as dúvidas nunca venham a ser esclarecidas, Zidane demonstrou pelo restante de sua carreira ser um jogador de excepcional talento. E o time do Brasil de 1998 já dava mostra da exaustão de seu modelo tático, dependente de lampejos das grandes estrelas da equipe (Rossi; Mendes Junior, 2014).

A primeira Copa do novo milênio, em 2002, teve dois países-sede: Coréia do Sul e Japão: colocando a Ásia no roteiro da organização da Copa do Mundo de Futebol. Mesmo desacreditados por causa da má campanha apresentada nas eliminatórias sul-americanas, os jogadores puderam redimir-se com os torcedores que celebraram o primeiro lugar e o Brasil garantiu o pentacampeonato. Criando uma sensação de euforia nos jovens brasileiros desta nova geração. Que foram estimulados a jogar futebol por causa de grandes ídolos como os três erres, Rivaldo, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho (Heizer, 2014).

De volta à Alemanha em 2006, a seleção foi eliminada nas quartas de final e outra vez pela França. A última disputa do mundial ocorreu estrategicamente na África do Sul, (em uma tentativa de mostrar o continente africano ao mundo, principalmente a nova situação vivenciada pelo país sede, que sofreu durante décadas com um regime de segregação racial, o apartheid), em 2010 e os espanhóis com

uma belíssima campanha consagraram-se campeões mundiais. De acordo com muitos o estilo de jogo com toque de bola e sua posse adotado tanto por Espanha quanto pelo Barcelona tem origens na criticada seleção brasileira, tida como retranqueira e de futebol sofrível, de 1994 (Rossi; Mendes Junior, 2014).

O Brasil se preparou para, em 2014, receber as seleções de todos os continentes e a preparação para o evento povoam horários nobres da televisão e rádio com reportagens diárias, ocupa páginas inteiras nos jornais e sites, inspira comerciais, alimenta sonhos, cria novos ídolos, recorda heróis dos tempos de glória e provoca cobranças aos governantes referentes à infraestrutura necessária.

Dirigentes esportivos e principalmente o técnico da seleção são alvos de constantes críticas, visto que têm a obrigação de superar o trauma de um povo que vê no hexacampeonato a ser conquistado em “casa” a grande chance de se libertar do pesadelo de 1950. A última vítima desta situação em que todos os brasileiros acreditam que são especialistas em futebol foi o técnico Mano Menezes, demitido após derrota para a Argentina. O novo técnico é Luiz Felipe Scolari, último campeão mundial com o Brasil e com Carlos Alberto Parreira, o técnico do tetracampeonato, em 1994, sendo integrante da comissão técnica.

O hexacampeonato acabou não acontecendo em 2014, com o selecionado sofrendo a maior derrota de todos os tempos em pleno solo brasileiro. Quando perdemos de sete a um para os alemães na semifinal e ainda ficamos sem lugar no pódio após sermos derrotados por três a zero para a seleção holandesa. Em 2018 veio uma derrota de dois a um para a Bélgica na copa da Rússia, ficamos com a impressão que a derrota não nos abalou tanto quando em outros momentos. Que já não somos mais tão bons como pensávamos que fôssemos.

Gastaldo define claramente o significado da Copa do Mundo para os brasileiros:

Copa do Mundo é muito mais do que um torneio de futebol: ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectiva comparada com o resto do mundo. Pelo menos no Brasil, a Copa é considerada o apogeu do mundo dos esportes, sendo-lhe dada mais importância social do que à própria Olimpíada: afinal de contas, quem vence a Copa é, incontestavelmente, ‘o melhor do mundo’ (Gastaldo, 2002).

O imponderável acabou acontecendo e deixando uma marca mais profunda que a derrota em casa para os Uruguaios em 1950. A seleção brasileira fez uma campanha regular, até ser humilhada por inimagináveis sete a um na semifinal para a seleção alemã, que visivelmente tirou o pé depois de terminar o primeiro tempo vencendo por cinco a zero.

## **O MUNICÍPIO DE BANDEIRANTES E SUA RELAÇÃO COM O FUTEBOL**

O município de área de 446,301 km<sup>2</sup> e, aproximados 32 mil habitantes<sup>1</sup>, situado ao norte do Paraná, teve sua história iniciada em 1920 quando a região era sertão bruto, sendo habitado, apenas, pelos índios Kaingangs e começam a surgir os primeiros exploradores que vão dividindo as terras e demarcando municípios. Favorecido pela construção da estrada de ferro São Paulo/Paraná, o seu desenvolvimento foi rápido e próximo à estação ferroviária inaugurada em 1930. Não demorou muito para que o povoado de Bandeirantes se sobrepusesse ao Distrito da Invernada situado a três quilômetros.

Em 1932, Manoel Ribas, então interventor federal no Paraná, visitou a localidade onde hoje é Bandeirantes e notou que o povo desejava a criação do município. Houve a unificação dos dois povoados: Bandeirantes e Invernada, sendo elevado à categoria de município pelo decreto estadual nº 2396, de 14-11-1934, desmembrado do município de Jacarezinho. Após esse decreto foram criadas novas divisões que não permaneceram, de modo que o município atualmente se constitui de sede e distrito de Nossa Senhora da Candelária, anexado pela lei estadual 4838, de 26-02-1964.

Privilegiada em sua localização, cercada pela BR 369 e pelas PRs 436, 517 e 519, tendo fácil acesso a importantes cidades, como: Ourinhos-60 km; Assis – 85 km; Londrina- 100 km; Maringá- 200 km; Curitiba- 440 km; São Paulo- 450 km; Paranaguá- 541 km.

A base da economia na cidade é o cultivo da cana de açúcar favorecida pela Usina de açúcar e álcool da família Meneghel. Uva fina de mesa, pimentão, pepino, soja e milho, são produtos

---

<sup>1</sup> Dados do IBGE, 2010.



complementares de sua economia. Celebrando sua vocação agrícola ocorre anualmente uma festa típica de regiões interioranas, a conhecida festa do milho verde, promovida pela Igreja Católica.

O município de Bandeirantes também se destaca como um polo universitário do interior paranaense, sendo sede da UENP (Universidade Estadual Norte do Paraná), campus Luiz Meneghel com os cursos de Agronomia, Enfermagem, Informática, Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e UNOPAR (Universidade Norte do Paraná), oferecendo graduação em Administração, Pedagogia, Letras, Agronomia e Direito, além de vários cursos na modalidade EAD (Educação a Distância).

Antes de ser um centro agrícola, sobretudo, da economia açucareira e uma “cidade universitária”, num passado não muito distante uma das principais referências da cidade foi o seu extinto time de futebol: o União Bandeirante Futebol Clube. Embora não exista mais, a equipe de futebol local deixou um legado a sua população tanto pelas saudosas memórias, quanto por jogadores que ainda atuam com destaque no cenário futebolístico brasileiro e ainda são responsáveis pela alimentação dos sonhos de muitos meninos de se tornarem famosos e terem sucesso financeiro, fruto do reconhecimento de suas habilidades no esporte.

O time de futebol de Bandeirantes, o União Bandeirante em 1964. No começo seu nome era *Usina Bandeirante Futebol Clube*, pois a usina de cana de açúcar da cidade, mas tornou-se União Bandeirante depois da fusão com o time do Guarani. O presidente do clube, Antônio Meneghel contratou o lateral campeão mundial pela seleção brasileira em 1958 na Suécia, Nilton De Sordi para o clube na década de 1960 atraindo grande público para o estádio nos jogos da equipe<sup>2</sup>.

Nas décadas de 60 e 70, o União já mostrava sua força na revelação de jogadores. Os primeiros a se destacarem no futebol paranaense formaram a dupla Paquito e Tião Abatia. Em 1966, o time do norte do estado teve o artilheiro do campeonato Paquito com 13 gols. Tião Abatia marcou 19 gols no estadual de 71. Nos anos de 1969 e 1971, o União foi vice-campeão estadual perdendo o título para o Coritiba ([www.umclubepordiablogspot.com](http://www.umclubepordiablogspot.com)).

O time da cidade foi vice-campeão paranaense de futebol em outra duas oportunidades. Em 1989, foi vice-campeão após perder para o Paraná Clube e em 1992 foi derrotado apenas na terceira

---

<sup>2</sup> De acordo com o blog um time por dia.

partida, a partida desempate, contra o Londrina Esporte Clube, tendo que jogar todos os jogos na casa do adversário, de acordo com a Gazeta do Povo (2010).

Em sua história o time branco e preto da Vila Maria, (com estádio localizado próximo a UENP – campus Luiz Meneghel, na BR 369, na saída de Bandeirantes: sentido Andirá), também revelou importantes jogadores com destaque em grandes clubes do futebol brasileiro ou de outros países. Entre eles: Brandão (atacante, no Olympique de Marseille) e Fábio (goleiro, jogador que mais vestiu a camisa do Cruzeiro, com quase 900 jogos).

Em 2006, o clube decretou o fim de suas atividades, alegando dificuldades financeiras. Em entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo, disponível no site, o senhor Serafim Meneghel, usineiro, dono do extinto time, falou sobre o período que presidia o União Bandeirante e também dos motivos que o levaram a encerrar as suas atividades.

**Quadro 1.** Principais conquistas. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/União\\_Bandeirante\\_Futebol\\_Clube](http://pt.wikipedia.org/wiki/União_Bandeirante_Futebol_Clube).

Campeonato Paranaense - Série Prata Duas vezes (1988 e 1992).
Torneio Início da Segunda Divisão: 1988.
Campeonato do Interior Paranaense: Oito vezes - 1966, 1969, 1971, 1974, 1975, 1985, 1989 e 1996.
Vice-Campeonato Paranaense: Cinco vezes (1966, 1969, 1971, 1989 e 1992).
Copa Norte do Paraná: 1973.
Torneio Integração: Duas vezes (1974 e 1975).
Taça Itaipu: 1975.
Taça Sul: 1975.
Torneio Navarro Mansur: 1988.
<b>CATEGORIAS DE BASE</b>
Campeonato Paranaense de Juniores (Sub-20): Duas vezes (1995 e 2000).
Dallas Cup (Sub-17): 2 vezes (1997) e 2000).

Ele iniciou contando entusiasmado sobre lendas envolvendo o seu nome, a começar pelo vestuário de um verdadeiro coronel, bota, chapéu e revólver na cintura, também pelas atitudes em campo, como dar tiro na bola, fazer o juiz parar a partida ou provocar os adversários. Segundo ele, todas as histórias inventadas, mas que o povo acredita e reconta. Sobre o relacionamento com os profissionais que trabalharam há tempos, lembra com carinho, alegando serem estes relacionamentos as suas maiores conquistas no esporte.

Quanto ao término dos trabalhos, atribui às questões familiares referentes à administração da Usina de Açúcar e Álcool de Bandeirantes (USIBAN). Mesmo um pequeno time necessita de muito investimento, e seus agregados não concordaram em utilizar recursos próprios para satisfação desse desejo que os mais novos não quiseram cultivar e sequer estão preparados para assumir.

Atualmente o Estádio Comendador Luiz Meneghel, se abre para o treino de crianças, onde aparecem times maiores para as chamadas peneiras que atraem e alimentam a esperança de nossos meninos, e seus antigos torcedores tem a rara oportunidade de assistir ao Jogo das Estrelas. Um evento anual beneficente para a arrecadação de alimentos, onde ex-jogadores dos tempos áureos do União e jogadores bandeirantenses e das cidades vizinhas trazem seus colegas também consagrados para uma partida amistosa. Nesse momento nomes como do atacante Nilmar não podem faltar.

**O jogador Nilmar Honorato da Silva**, (Bandeirantes, PR, 14 de julho de 1984), atualmente é atacante do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, revelado pelo próprio Internacional de Porto Alegre, ficou no clube gaúcho até 2004 e depois foi vendido ao Lyon, da França. Acabou sendo emprestado ao Corinthians em 2005, mas sofreu com sérias contusões no joelho e teve diversos problemas de relacionamento com a então diretoria do clube<sup>3</sup>. Em 2007, retornou ao Internacional, permanecendo no clube até 2009. Quando seus direitos econômicos foram negociados com Villarreal, de lá foi para o futebol árabe, jogando no Al-Rayyan do Catar ate 2014<sup>4</sup>. A cidade parou para vê-lo

---

<sup>3</sup> Ele acabou rescindindo seu contrato na justiça.

<sup>4</sup> De acordo com a wikipedia, na página dedicada ao jogador.

quando este fez parte do grupo de atletas convocados para a Copa do Mundo da África do Sul, 2010. O seu currículo explica a admiração, sobretudo dos garotos de Bandeirantes, sua cidade natal que acreditam que essa carreira meteórica é possível.

Com a proximidade de jogadores que atingiram o sucesso profissional o sonho parece permanecer nos jovens que se sentem mais confiantes.

## **METODOLOGIA E DADOS**

Recorrendo a história oral buscamos a memória coletiva. Tendo em vista superar possíveis alienações por jovens que nasceram em um período que o Brasil se denominava o país do futebol. Por causa das conquistas em Copas do Mundo e veem a sua volta uma cidade saudosa pelos tempos de disputas do time que era uma referência do município no Estado do Paraná. Têm ainda jogadores, filhos desta terra, que conseguiram o sucesso e reconhecimento, nessa tão disputada carreira.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas, que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial” (Pollack, 1989).

Inicialmente a pesquisa se concentrou em recolher e registrar os dados obtidos através de entrevistas realizadas com um restrito grupo de dez rapazes, com idade atual entre vinte e vinte e cinco anos, moradores em diferentes regiões da cidade e considerados como “bons de bola” por seus treinadores em escolinhas ainda ativas.

Delimitando o tempo de atuação desses atletas, quando adolescentes, há cinco anos (de 2005 a 2010), e utilizando dispositivos digitais para os devidos arquivos, como pen drives e mp3 player, o próximo passo foram às análises das respostas gentilmente concedidas pelos entrevistados.

A investigação visou captar os anseios, sonhos, conquistas e possíveis frustrações desses, que como tantos outros garotos, um dia disseram que quando crescessem seriam jogadores da seleção brasileira de futebol e ainda jovens foram percebendo que só há uma seleção para tantos sonhadores.

As respostas obtidas nos confirmam a opção pelo imaginário local, revelado na memória de seu povo:

[...] o oral nos revela o ‘indiscutível’ [...]. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto às estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional (Joutard, 2000).

As indagações dirigidas aos entrevistados orientaram-se pelo roteiro que se segue, porém, de forma flexível diante da riqueza de possibilidades que as respostas proporcionaram.

Em uma análise comparativa foi possível estabelecer algumas considerações. Sobre o processo de inserção dos meninos na prática do futebol. Eles dizem não saber como nasceu esse desejo, pois sempre tiveram bolas para serem chutadas em casa, ganhavam uniformes esportivos como presentes, na família havia brigas para ver por qual time torceriam, desde muito pequenos se juntavam aos maiores para brincar de bola na rua, onde os chinelos viravam traves e quando perceberam que se destacavam entre os colegas foram atrás de treinos para desenvolver suas técnicas. Para isso não importava a distância, a pé ou de bicicleta iam atrás de escolinhas nas quais sabiam que um jogador reconhecido havia treinado mesmo antes do início de sua carreira<sup>5</sup>.

Foram unânimes em se reconhecerem habilidosos em campo e atribuem seu insucesso à falta de sorte de estarem nos lugares e horas certas. Nenhum deles questionou a organização das confederações, calendários, salários exorbitantes pagos a raros craques ou falta de investimentos. A suas inconformidades se fixaram na falta de apoio de patrocinadores e nas más condições financeiras de suas famílias, sem atrelar isso à política ou economia do país.

O senhor Otávio de Souza ressalta que cansou de correr atrás e não conseguiu incentivos para que seu filho Lincoln conseguisse a profissionalização, mesmo sendo um excelente jogador de futebol (segundo o pai). Jeferson Bryan foi até o Rio de Janeiro em 2008 para treinar no Macaé, permanecendo por várias semanas, sem receber salários e custeando alojamento em um hotel e alimentação. Chegando a morar na casa do treinador, mas não obteve sucesso, abandonando o ensino médio, hoje é auxiliar de pintura e peladeiro de fim de semana.

---

<sup>5</sup> Estas estão cada vez mais escassas em nossa cidade e região.

Sobre as legislações referentes a essa prática esportiva, acreditam que conhecem bem, pois sempre acompanham programas esportivos, onde são citadas questões referentes aos contratos, multas, suspensões e regras. A análise que fazem sobre os contratos milionários, patrocinadores e marketing é fundada nas opiniões obtidas através das emissoras de televisão<sup>6</sup>.

Mesmo sem terem conseguido o principal objetivo, que seria melhorar as condições financeiras da família, pensam ter ficado com um saldo positivo, pelos amigos que fizeram e por terem tentado correr atrás do seu sonho. Contam felizes suas aventuras desde os treinos nas escolinhas do “João Cabelinho”, do “Véio”, do “São Bento” ou “Chinelão”<sup>7</sup>. Esses lugares lhe deram o prazer de jogar uma bola em campo e saírem “empelotados” com a molecada na tentativa de fazer um gol. Aqui todos abandonavam suas posições e se metiam a atacantes.

A dedicação quase que exclusiva aos treinos acabou por interferir em outras áreas. Na vida estudantil, os que mais prosseguiram no esporte, tiveram defasagens no tempo escolar, entretanto não os impediram de concluírem o Ensino Médio. Dizem que os treinadores os incentivavam a estudar e os clubes tinham o compromisso de matriculá-los. A dificuldade residia nas temporadas dos testes e na adaptação às novas escolas, num processo rotativo, por vezes os levando a evadir da escola ou serem reprovados.

Em relação ao curso superior, apenas um dos entrevistados atribui o tempo gasto com o futebol durante a infância e adolescência, o seu despreparo para garantir uma vaga mais concorrida. Dois dos rapazes ouvidos possuem o diploma em uma faculdade, mas em cursos sem relação com o esporte (com curso de Bacharel em Administração de Empresas e Direito) e um está cursando Educação Física. Um curso que atrai tanto atletas quanto ex-atletas com desejo de continuar associado a algum tipo de atividade esportiva.

O prosseguimento nos estudos também foi favorecido pela percepção de que não teriam êxito como profissional do futebol. “Nas palavras da esmagadora maioria: “se chegou perto dos vinte e não

---

<sup>6</sup> Que é vista como uma fonte confiável de notícias, já que a maioria não tem acesso a jornais, revistas e programas especializados de canais pagos.

<sup>7</sup> Estes são os nomes pelos quais são popularmente conhecidas as principais praças esportivas da cidade de Bandeirantes.

deu pra você, já era, pode partir pra outra”. Entre a idade que se ganha certa liberdade para se arriscar fora de casa e o período que se está em melhor forma para conseguir ser contratado por um time de expressão o prazo é muito curto. Nesse sentido se dão bem os meninos cujos pais têm o desejo e condições financeiras de acompanhar os filhos<sup>8</sup>. Quando se tem um empresário que aposta no talento do garoto é ele quem corre atrás disso. Aqui são citadas também as pessoas da cidade que ajudam nos custos de transporte, hospedagem e taxas pagas aos clubes. Geralmente políticos, como vereadores e aspirantes a vereadores que auxiliam estes projetos com a intenção de um retorno futuro em votos de pessoas ligadas a estes clubes, assim como dos familiares dos jogadores.

Após os vinte anos de idade, caso dos entrevistados, todos já desistiram do futebol como profissão e estão no mercado de trabalho<sup>9</sup>. No campo profissional executam diversos trabalhos ligados ao comércio, indústria e educação, mas de certa forma continuam ligados ao esporte, auxiliando como estagiário nos treinamentos das novas gerações, como vendedor em uma loja de materiais esportivos, na empresa da família de um antigo colega de treinos ou ainda apoiado por um patrocinador de torneios municipais quem se deve a indicação para um emprego.

Em nenhum caso foi observado um abandono ao futebol, ou uma frustração consciente. Continuam jogando as peladas nos finais de semana, com os colegas e participam de campeonatos amadores, dando vida a uma prática esportiva que é identificada como paixão nacional: acordar no domingo pela manhã, vestir calção e camisa, juntar a chuteira, reunir os companheiros e se divertir com a rapaziada nos campinhos dos bairros.

Se depender destes jovens, o sonho continua, pois já projetam nos filhos que virão o sucesso que há pouco perceberam ser impossível a eles. Mesmo reconhecendo ser difícil atingir fama, dinheiro e poder pelas vias do futebol, esse lhes parece o único caminho possível para uma ascensão social<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Foi o caso amplamente divulgado pela mídia do mais famoso jogador brasileiro, Neymar Jr, que faz questão de destacar a participação de seu pai em sua carreira profissional.

<sup>9</sup> Geralmente em trabalhos mal remunerados, que estão diretamente relacionados com sua baixa escolaridade.

<sup>10</sup> Sujeitando-se a condições degradantes para tentar alcançar sucesso como jogadores de futebol. Já que o salário médio nacional é de 3,3 salários mínimos, enquanto de 82% dos jogadores de futebol no país não chega a dois salários mínimos (Rossi; Mendes Junior 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um município que nasce na mesma década da primeira Copa do Mundo, que têm suas origens ligadas ao passado da expansão ferroviária do país<sup>11</sup>, fato que contribuiu para a vinda de Miller, e com ele o futebol e num país que se esforça para manter uma identidade pela via de um único esporte o futebol, não é estranho verificar o quanto que os seus jovens compartilham do sonho em alcançar fama, riqueza e sucesso através do futebol.

Mais que amor pelo futebol, o que é possível constatar é a falta de opções de escolhas, pois desde muito pequeno o único treino oferecido mesmo que precariamente é o futsal que na adolescência evolui para o futebol, inclusive as escolas na maioria dos casos nega o currículo aos estudantes restringindo-se a esse único esporte. Rossi e Mendes Junior (2014), comparam os jovens atletas que são recrutados para as categorias de base dos clubes de futebol aos meninos que são aliciados pelo tráfico de drogas, fruto da falta de opções. O gosto também é reforçado pelas “peladas” que podem ser jogadas em qualquer lugar e sem recursos, somente uma bola que por vezes também é improvisada e tendo como uniforme os sem camisa versus os com camisa.

Desde as primeiras edições Copa do Mundo, em dia de jogo da seleção brasileira, o presidente decreta que se fechem as portas do comércio e repartições públicas, as escolas ignoram seus calendários e as igrejas não se atrevem a desenvolver qualquer atividade<sup>12</sup>. As fábricas de aparelhos de televisão vendem mais do que em qualquer época. Os torcedores se aglomeram em bares, padarias, postos de combustíveis ou casas de amigos. Mesmo os intelectuais que percebem e criticam a ideologia contida nessa paixão se rendem a esse evento, ingerindo doses desse “ópio”.

O que nossos dirigentes ignoram propositalmente é que os grandes necessitam da base, formada pelos pequenos times. A seleção urge por novos craques. Futebol não é o único talento brasileiro. Títulos não são frutos de sorte. A Copa do Mundo de Futebol não é a única oportunidade para o Brasil

---

<sup>11</sup> A região do norte pioneiro do estado do Paraná está diretamente relacionada com a expansão da agricultura cafeeira do oeste do estado de São Paulo e com a chegada da linha férrea. Que serviria para o transporte de café para os portos rumo à exportação.

<sup>12</sup> No dia do jogo entre Brasil e Colômbia, 04 de julho de 2014, as ruas da cidade de Londrina estavam desertas, com quase todos assistindo ao jogo da seleção.



se mostrar ao mundo. É preciso abrir os olhos para isto, pois já não podemos nos gabar nem de sermos o “país do futebol”.

Dentro da “amnésia” governamental faltam políticas de investimento na prática esportiva. Nesse caso a história local é desestruturada, pois o pequeno time não consegue capitalizar recursos financeiros, para caminhar na mesma tendência globalizante. Oitenta e dois por cento dos jogadores de futebol no Brasil ganham até dois salários mínimos<sup>13</sup>. Na chamada cultura pós-moderna, patrocinado pela indústria capitalista e os pequenos que realmente alimentam a tradição do país em ser o país do futebol, são abandonados.

Assistindo o narrador da Rede Globo, Galvão Bueno, na eliminação da seleção brasileira em Copa do Mundo, em 2010, diante da Holanda ele dizia: “é só um esporte”. No desejo de consolar uma nação, o narrador se enganou. O futebol é muito mais que um esporte para os brasileiros. A prática desse esporte e tudo que os cerca, no Brasil, é um estilo de vida, quase que toca a superfície do sagrado para a maioria dos brasileiros.

Investir, qualificar, diversificar, verbos que precisam ser conjugados no Brasil, em todas as áreas, por aqueles que sabem que podemos ser o país não apenas do futebol, da alegria e da malandragem, a espera por vitórias a cada quatro anos ou nos campeonatos de clubes, é pouco. Podemos muito mais! Pena que o povo parecer não ter plena consciência disso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bloch M (2001). *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- Freyre G (2004). *Casa Grande e Senzala: formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. 49<sup>o</sup> ed. Editora: Global, São Paulo. 728p.
- Gastaldo É (2002). *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. Editora: Unisinos, São Leopoldo. 229p.
- Guilherme P (2006). *Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1*. Editora: Alameda, São Paulo. 286p.

---

<sup>13</sup> Dados da FENAPAF – Federação nacional dos atletas profissionais.

- Guimarães M (1999). Futebol, sonho e decepção. *Revista Estudos Históricos*, Brasil. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2083/1222>
- Hall S (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Editora: DP&D, Rio de Janeiro.
- Heizer T (2014). *O jogo bruto das copas do mundo*. 3º Ed. Editora: Mauad, Rio de Janeiro. 336p.
- Joutard P (2000). Desafios à História Oral do século XIX. In: Alberti V, Fernandes TM, Ferreira MM (Orgs). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 31-45.
- Le Goff J (2003). *História e Memória*, tradução Bernardo Leitão... [et al.] 5ª Ed. Editora da Unicamp, Campinas.
- Moscovici S (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Editora: Vozes, Petrópolis. 408p.
- Moura GA (1998). *O rio corre para o maracanã*. Editora: FGV, Rio de Janeiro. 168p.
- Ortiz R (1985). *Cultura brasileira & identidade nacional*. Editora: Brasiliense, São Paulo. 152p.
- Pollak M (1992). Memória e Identidade Social. *Rio de Janeiro: Estudos Históricos*, 5(10): 200-212.
- Pollak M (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Rio de Janeiro: Estudos Históricos*, 2(3): 4.
- Rossi J, Mendes Junior L (2014). *Guia Politicamente Incorreto da História do Futebol*. Editora: Leya, São Paulo. 416p.
- Woodward K (2007). Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva TT (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora: Vozes, Petrópolis. 47p.

### A transição campo-cidade e a religião entre os jovens

#### INTRODUÇÃO

A transição campo-cidade não alterou apenas os aspectos político econômicos de nossa sociedade. Houve uma alteração no modo de pensar e ver o mundo que nos cerca. As famílias nucleares e patriarcais vão perdendo espaço para as famílias anucleares e com outros chefes e/ou mantenedores que não a figura paterna.

Assim como o acesso a tecnologia, ensino e informações alteraram de forma substancial a relação das pessoas com o sagrado. Basta citar o exemplo das imagens sendo relegadas a cantos da casa, em detrimento da figura do computador e da televisão nos ambientes domésticos.

O fenômeno da urbanização no mundo pós-moderno, principalmente após da década de 1950 vem acompanhando a crença que a religião por si só não resolve mais os nossos problemas. Retomando as palavras atribuídas a Jesus nos evangelhos que não se poderia servir a dois senhores, vemos o mundo muito mais preocupado em ganhar dinheiro, que é facilmente consumido. Do que com o próprio ser humano, inclusive com o discurso ambiental, como no caso da Rio Mais 20, falando em sustentabilidade, e não em preservação. Muitas vezes, este discurso vem esquecendo-se de inserir o ser humano no meio ambiente, como se não fosse preciso cuidar das pessoas para salvar o mundo.

Alterações e permanências na visão de mundo das pessoas que mudam do campo para a cidade e qual influência desta sobre suas convicções religiosas. Como os jovens com origem no campo, na área rural percebem e convivem com o sagrado quando estes passam a viver na cidade. Como a religião pode permanecer ou ser alterada nas famílias e na percepção dos jovens sobre ela com esta migração, campo-cidade.

Com tantas preocupações e tecnologias o que sobra para o jovem dedicar a uma religião, seja ela qual for. No caso de nossa região, a Igreja Católica é a que mais influencia as pessoas. Mas vemos muito mais pessoas na festa do mundo para arrecadar fundos para a Igreja do que nas missas e nas reuniões da Igreja.

Não entendemos a preocupação com a materialidade e a vida cotidiana como melhor ou pior do que a vida com maior dedicação do tempo aos cultos religiosos e comportamentos que aproximem as pessoas do sagrado. Para um dos maiores historiadores da religião de todos os tempos, Mircea Eliade, o profano carrega sempre algo de sagrado dentro de si. Pois é herdeiro do homem que se preocupava com o sagrado. Já para Nietzsche não devemos perder tempo nos preocupando com algo que não existe. É interessante notar que este último insiste em propagar que Deus está morto, mas não que ele nunca existiu. Então nós estamos vivenciando um período de substituição de Deus ou da criação de outros deuses?

Podemos inserir a urbanização e a contaminação do sagrado pelo profano, assim como aconteceu ao mundo grego, como um dos fatores que auxiliaram no esfriar da fé de muitas pessoas? É uma das perguntas que tentaremos verificar junto aos jovens com os quais vamos trabalhar esta relação, campo-cidade, sagrado-profano.

Realizou-se um estudo sobre a preocupação do ser humano com o sagrado. Que surgiu com a percepção do ser humano enquanto ser pensante, e como pensante sofredor e consciente de sua finitude. O que nos move mais que a razão é o desejo, o desejo de viver, o que nos faz sofrer.

## **A RELIGIÃO COMO PRÁTICA HUMANA**

O sagrado está relacionado com o transcendente, com a relação entre o ser humano e seres ou forças que não fazem parte do mundo físico. Mesmo que se manifestem por meio dele. Aparece de forma ordenada, na construção do cosmos (um mundo harmônico), em oposição ao caos, a desordem e falta de harmonia. Para Santo Agostinho Deus se manifesta na beleza e na harmonia.

O espaço sagrado é o espaço onde o ser humano consegue uma relação com o mundo espiritual, como a rocha que Jacó ergueu como coluna e ungiu para celebrar o sonho em que anjos subiam e desciam de uma escada rumo aos céus, aquele lugar a partir deste momento ganha um novo significado, o de sacralidade. Assim como o campo, intimamente relacionado à natureza apresenta mais espaços ligados à espiritualidade que o concreto e o vidro presentes das cidades.

Desde o surgimento do ser humano, assim como o conhecemos, este foi se distanciando da natureza, onde estava inserido e tornando-se cada vez mais um ser tecnológico. Isto não muda a ideia que a humanidade faz desde seus primórdios de sua condição de seres finitos. Muitos tentaram técnicas de ludibriar a morte ou de tornar a vida mais longa possível.

Os jovens da atualidade ainda fazem parte desta humanidade crédula, religiosa e com esperança de uma vida além-túmulo? Como eles estão percebendo a transição do campo para a cidade em suas famílias em questões relacionadas a este tema?

O homem desenvolveu atividade religiosa desde sua primeira aparição na cena histórica e todas as tribos e todas as populações de qualquer nível cultural cultivaram alguma forma de religião. É sabido que todas as culturas são marcadas pela religião e as melhores produções artísticas e literárias se inspiram em motivos religiosos (Mondin, 1980).

Nem toda a modernidade e pós-modernidade foram capazes de transformar o ser humano em imortal em seu estado físico. Qual foi a solução encontrada para esta situação extremamente desconfortável? As primeiras orações pedindo que a terra-mãe ou a mãe natureza intervissem na agricultura, auxiliando na fertilidade do solo e os primeiros funerais demonstram a preocupação com o mundo além do físico. Segundo Don Cuppitt (1999), no início da existência da humanidade ainda não havia a presença dos deuses, mas apenas dos espíritos, geralmente ligados à natureza, vivendo em florestas. Que se não agradados poderiam trazer tempos difíceis para a comunidade. O texto a seguir mostra a antiguidade da preocupação do ser humano com a morte:

Indícios chegam até nossos dias sugerem que muitos humanos esperavam reviver após a morte; a jornada para esta nova vida requeria acessórios ou sinais do status de cada um, arranjos ao redor do corpo no túmulo. Em Sunghir, na Rússia, cerca de 28 mil anos atrás, um homem com aproximadamente 60 anos de idade teve o corpo sepultado com mais de 2 mil fragmentos de marfim e outros ornamentos (Blainey, 2010).

A concepção desde tempos imemoriais de um mundo metafísico, de uma eternidade fora do plano físico, da existência da vida eterna e de um sistema de punições e recompensas e até mesmo a elaboração de um modelo sistêmico cíclico em que o ser humano vai se aperfeiçoando durante a sucessão de várias vidas até atingir estágios mais elevados de sua existência no modelo oriental.

Notadamente com a grande preocupação despertada pela vida após a morte. Mais do que em qualquer outra espécie viva na Terra. O homem tem cuidado especial com seus mortos. Em muitos momentos, como no Egito antigo, mais até do que com muitos vivos. O que ficou comprovado após a descoberta do interior de várias pirâmides, repletas de bens que seus “habitantes” poderiam utilizar em outra vida, inclusive joias e comida em abundância. Esta preocupação com o além-túmulo fica claramente exposta nas pregações das duas principais religiões monoteístas: o Islamismo e o Cristianismo. Onde o paraíso e o reino dos céus não são deste mundo. Estão muito próximos e ao mesmo tempo muito afastados de nós. Segundo Santo Agostinho, também muito conhecido no meio acadêmico como um filósofo do período conhecido como antiguidade tardia afirmou que toda alma é cristã em sua essência.

Podemos perceber a preocupação com a vida além do plano físico em praticamente todas as manifestações de presença humana, seja nos planaltos do México, nos desertos do Egito, no clima gélido siberiano ou do norte do Canadá ou entre bosquímanos nas florestas quentes do interior do continente africano. Os indígenas brasileiros se relacionavam frequentemente com o mito, que fazia parte de sua vida cotidiana.

No mundo ocidental temos a teoria da reminiscência semelhante à tradição do oriente. Mas as duas maiores religiões trabalham com a ideia de que as pessoas convertidas a estas religiões e que seguirem seus preceitos serão salvas. O Cristianismo nasceu na Palestina fruto da pregação de Jesus, um jovem carpinteiro da região de Nazaré, batizado por João Batista no rio Jordão, que realizava milagres, trazendo a mensagem de um novo reino, que segundo ele, não seria deste mundo. Prometendo uma vida para seus seguidores neste reino, onde o pobre e o perseguido teriam honrarias. Esta mensagem até hoje sensibiliza jovens de todo o mundo ocidental, sendo que Jesus foi elevado ao posto de pop

star, com a realização de muitos filmes sobre sua vida. Entrou em atrito com os religiosos judeus locais, foi morto e, segundo a tradição e os evangelhos, ressuscitou e foi para junto de Deus, onde espera o dia de sua volta. Seu maior seguidor e que mais expandiu sua mensagem foi Paulo que:

Começou a formular a igreja, que dava seus primeiros passos. Ele possuía qualidades raras: sentia-se em casa dentro das sinagogas; pois seus pais eram judeus, e havia estudado para ser rabino; tinha cidadania romana, o que lhe servia de passaporte para os círculos oficiais; e falava grego, a língua das pessoas cultas (Blainey, 2010).

Isto até que o mundo muçulmano tornou-se um grande e rico império, desde a Espanha até a Índia. A expansão dos seguidores de Maomé e sua pregação do deus único, Alá, se difundiram rapidamente entre povos nômades, por não precisar de templos:

No Islã um grupo não precisava necessariamente de uma mesquita (o templo muçulmano), para a realização dos serviços de sexta-feira, o dia sagrado da religião, nem nos funerais era obrigatória a presença de um sacerdote. Para os andarilhos, uma religião que não exigia sacerdotes nem igrejas era extremamente prática (Blainey, 2010).

E o poderoso Império Romano se rendeu a nova religião, agora adaptada a alguns rituais e realizando um sincretismo com alguns deuses romanos. Só para exemplificar, a comemoração do dia santo do cristianismo é domingo, em inglês “Sunday”, literalmente, o dia do sol, divindade romana, assim como Rá, o disco solar, era o Deus dos egípcios.

Então a religião, principalmente o cristianismo representado pelo catolicismo, tornou-se um grande aliado do poder político. Principalmente quando o Império Romano do Ocidente caiu em 476. Sendo esta a única grande instituição que resistiu a queda de Roma para os bárbaros, povos que viviam ao longo da fronteira de Roma e que não falavam latim, muitos dos quais praticavam animismo e eram analfabetos.

O poder político na religião não é um privilégio cristão. Com as funções sacerdotais e administrativas evidenciadas principalmente no regime teocrático elaborado pelos egípcios. Sendo o Islã uma religião que dita normas que são seguidas a risca como lei estatal na maioria dos países que tem esta religião como predominante. Até mesmo em tribos isoladas nas Américas e Oceania podemos observar senão o cesaropapismo, quando o governante assume as funções eclesiásticas, ou de chefe da

igreja, como aconteceu com Henrique VIII, a proximidade entre o líder político e o líder religioso. Sendo este último muito respeitado e suas opiniões seguidas por toda a população.

No extremo oriente a religião é vista como uma maneira de purificação do espírito. Os chineses, coreanos e japoneses são mundialmente conhecidos como povos muito disciplinados. Que mantém uma vida regrada em termos de tradições culturais e alimentares. Com os japoneses superando a destruição provocada por duas bombas atômicas lançadas em 6 e 8 de agosto de 1945 sobre Hiroshima e Nagasaki. A China despontando como a grande potência econômica do século XXI e a Coreia do Sul se desenvolvendo, mesmo após uma sangrenta guerra civil com a Coreia do Norte. Sendo uma das nações que mais investem em educação, ciência e tecnologia no mundo todo.

Diante deste quadro esta região não poderia ter religiões mais adequadas para estes povos do que as religiões com longas sessões de meditação e busca por qualidade de vida. Como a filosofia de Confúcio, o tã (caminho), na China, a presença do Budismo (que busca o desprendimento do mundo material e do desejo como meio para suprimir a dor). Os japoneses são em sua maioria xintoístas.

Voltando para o mundo ocidental e para o cristianismo. Com o fim das invasões bárbaras e com as grandes navegações, a religião se aliou a reis e nobres no financiamento de grandes expedições, tanto para conseguir fieis, como para engordar seus cofres. Endinheirados durante a Idade Média, período em que o medo do inferno fez com que volumosas somas de dinheiro fossem enviadas para Roma. E muito questionada durante o período pré-reformista.

Foi o advento da Revolução Científica que colocou a Igreja e a religião ocidental no alvo das discussões. Com muitos pensadores questionando verdades antes tidas como inquestionáveis da Igreja. Pessoas como Copérnico, Galileu Galilei e Darwin (este alguns séculos adiante), colocavam em dúvida dogmas da Igreja.

Mas o cristianismo resiste, prova disto é sua existência e o desdobramento em diversas denominações. Fruto da Reforma do século XVI, o segundo cisma do cristianismo, o primeiro tinha sido em 1054 com a criação da Igreja Ortodoxa, que não reconhecia a autoridade do papa sobre si e seus fieis.



A Reforma, liderada por Lutero, Calvino e Henrique VIII (este mais por questões políticas e pessoais que religiosas). Se bem que as questões religiosas não foram às únicas e, em muitos momentos, nem as mais importantes para a Reforma religiosa. Questões como usura, terras, tesouros e disputas por tronos foram fundamentais para a cisão do cristianismo na Europa ocidente. Ainda que a questão das indulgências tenha sido o estopim para desencadear do movimento reformista:

A Igreja reuniu cobradores profissionais, que ajudavam a angariar fundos para a instituição, encarregados de vender indulgências. Já que a Igreja medieval acreditava no castigo eterno, bem mais que a maioria dos grupos cristãos atuais. A venda de perdões e suspensões de penas contrariava um de seus principais dogmas (Blainey, 2010).

A Reforma possibilitou o enriquecimento do fim da culpa por empréstimos a juros (a usura), já que o calvinismo pregava a predestinação. Que defende a escolha dos eleitos desde o início dos tempos. Com os mais bem sucedidos vistos como eleitos de Deus. Valorizando seu trabalho e enriquecimento, Max Weber trabalha o protestantismo como fundamental para o capitalismo e sua expansão. Já que impele as pessoas à livre iniciativa.

A humanidade ainda prescinde da religião, mesmo com toda tecnologia e com toda a ciência que se desenvolveu freneticamente nos últimos três séculos. A religião ainda ocupa um espaço central na vida de bilhões de pessoas pelo mundo afora.

Don Cupitt (1999), afirma que a religião é necessária não apenas como um instrumento de opressão e representante das classes dominantes, como afirma Marx, mas com a representação pessoal no espelho para a pessoa tornar sua vida melhor. Com a religião continuando a existir mesmo que não exista Deus da maneira que muitos o concebem. Mesmo que não exista um mundo além do mundo físico. Para Mircea Eliade (1992), um grande estudioso das religiões, até mesmo o ateu carrega uma herança mística com ele.

## **JUVENTUDE E EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Será que os jovens da geração Y (segundo reportagem da revista Galileu: pessoas que nasceram na época da internet, das conexões em alta velocidade e da informação em tempo real), que ficam

conectados 24 horas por dia também participam ativamente de questões do espírito? Pode ser enganar quem pense que estas pessoas não pensem em algo que fique distante de seus umbigos, apesar de todos os rótulos pejorativos que foram impostos a elas. Já que são oferecidos a estes jovens muitos atrativos que tem a pretensão de preencher suas existências. Desde uma música, um jogo de vídeo game até grandes shows, drogas lícitas e ilícitas.

A juventude, por ser uma faixa de transição entre a idade pueril e a vida adulta, com todas as benesses e tribulações que este lhes reserva, busca por um significado, por uma razão para estar e continuar existindo. Não ouvimos mais os brados irados de Pete *Townshend* como ouviam nos anos sessenta nos dizendo: “*I hope I die before I get old*”, em músicas que falam sobre a geração atual. Segundo palestra de José de Paula Ramos no programa Café Filosófico da CPFL Cultura: “Mito, o nada que é tudo,” a vida sem o mito é uma vida que carece de significado.

A religião geralmente está associada à produção cultural de um povo. Nem sempre esta produção é positiva, como no caso dos Incas, que cultuavam o Sol e foram aculturados pelos espanhóis católicos. O catolicismo serviu para unificar os povos e pacificá-los para tornarem-se mais dóceis com a catequese. Mas foi a porta de entrada para a destruição de grande parte da bagagem cultural de muitos povos ameríndios.

No norte da Europa, principalmente na Noruega existiu um movimento cultural com massiva participação da juventude, o Black Metal. Descrito no documentário: “Até que a luz nos capture”, como um movimento contra a aculturação imposta pelos cristãos a partir do século X aos povos pagãos da Europa Setentrional, principalmente da Escandinávia (Suécia e Noruega). O Movimento, formado por bandas de heavy metal (rock pesado), com músicas sombrias, muito densas e odes a divindades pagãs, muitas vezes incitando jovens contra o cristianismo e com citações do filósofo alemão Nietzsche, autor do livro *O Anticristo*, entre vários outros contra o cristianismo e a construção da moralidade ocidental. O Black Metal ficou mundialmente famoso pelas letras das músicas, pela pintura nos corpos (como o grupo brasileiro: “Secos e Molhados” ou o estadunidense “KISS”), por assassinatos e suicídios entre os músicos, e principalmente, por uma onda de queima de igrejas cristãs no início da década de 1990.

A religião é uma produção histórica como representante cultural do ser humano. Podemos identificar facilmente a religião dos indianos e a evolução deste povo por milênios atrelado a valores impostos pela religião. Seus costumes ligados à tradição Hindu, como a divisão de castas, legalmente extinta, mas praticada no interior do país, principalmente nas áreas mais tradicionais. O Islã e as práticas do cotidiano, assim como o Judaísmo, de onde saiu o cristianismo, e que ainda mantém muitas de suas tradições. Inclusive a páscoa, que relembra a saída dos judeus do Egito rumo a Palestina. De onde vem a páscoa cristã, já que segundo a tradição e a Bíblia, Jesus morreu uma sexta-feira antes da páscoa, agora denominada pelos cristãos como sexta-feira santa, ou sexta-feira da paixão. Amplamente explorada pelos filmes de Hollywood, sendo o mais controverso e famoso dos últimos tempos a Paixão de Cristo, de Mel Gibson, seja por suas cenas fortes de violência, seja pelo caráter antisemita alegado por muitos críticos do filme.

A juventude queimava igrejas muitas vezes apenas por diversão. Sem entrar em contato com a filosofia por trás do movimento. Segundo o documentário, o movimento perdeu sua essência quando “virou moda”. No campo religioso, assim como no cultural é necessário um cuidado especial com os jovens para que estes entendam o significado daquilo que estão fazendo, o sentido que suas atitudes têm e o reflexo que isto produz na sociedade.

Com a informação de fácil acesso é preciso ter muito cuidado para não destruímos nem criarmos igrejas da noite para o dia. O homem é um ser religioso, mas esta religião não precisa ser idiotizante e alienadora. A formação crítica, ainda mais em se tratando dos jovens é muito importante. Por mais dessacralizada que a juventude venha a ser ela ainda carrega uma ordenação, já que o homem que opta por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso.

Segundo Mircea Eliade (1992), o espaço urbano vem assumindo no passar dos anos o lugar do cosmos, do mundo organizado, como um cosmos artificial, substituindo o mundo natural. Como centro das manifestações sagradas, com o que é de mais sagrado ficando no centro deste micro cosmos, como nossas cidades coloniais, e muitas das pequenas cidades do interior, onde o centro da cidade é marcado pela igreja e pela praça ao seu redor. Onde são instaladas as repartições públicas e os jovens vão para se

encontrar e se divertir nos fins de semana e datas festivas. É a cidade substituindo o papel da sacralidade exercido pela mãe natureza durante dezenas de milhares de anos, como se fosse uma construção orgânica.

A juventude não é um consenso em todas as culturas nem em todos os espaços. Do decorrer da história da humanidade a juventude se alternou entre várias faixas etárias até termos a configuração atual. Em períodos da antiguidade as meninas tinham que se preparar para o casamento assim que atingiam a puberdade. No Brasil do século XIX era uma vergonha existir uma moça com mais de 20 anos que não tivesse contraído casamento. Era considerada uma solteirona mal amada e estava relegada a ficar para titia, fato retratado vastamente em nossa literatura do século XIX. Os meninos em muitas aldeias ainda passam por rituais de passagem para provar a virilidade e tornarem-se adultos.

No Brasil a juventude passou por longos períodos de opressão. Em que não tinha voz ativa na sociedade, por causa da formação patriarcal e autoritária do país. Que com a colonização portuguesa, trouxe para o país, aventureiros e membros da Igreja. Com o intuito de encontrar riquezas e levar para a Europa e catequizar os povos que viviam aqui. Os filhos destes primeiros colonizadores geralmente eram filhos de relacionamentos com nativas ou com escravas.

A relação entre a religião e o povo brasileiro, notadamente os jovens, é fruto desta colonização, com intuito de expandir o catolicismo para o ultramar. Os primeiros colégios brasileiros, assim como os primeiros educadores, como Padre Manuel da Nóbrega, tinham fortes laços com a educação religiosa.

O colégio passa de uma instituição para dar abrigo aos pobres durante a Idade Média para servir instituição educativa. Os colégios dos jesuítas tinha uma disciplina rigorosa submetia os jovens a uma lei diferente daquela que os adultos obedeciam. A juventude escolar era completamente separada do resto do mundo e ao convívio com outros jovens (Ariès, 1978).

Este modelo ligado à Igreja dura até a reforma pombalina, que destruiu todo o modelo educacional brasileiro, buscando tornar o ensino laico. Os jovens das famílias abastadas do Brasil passam a ir estudar em instituições renomadas na Europa. Já que o ensino no Brasil era ligado principalmente a atividades manuais e aos primeiros anos de instrução. Esta mudança cultural não mudou a perspectiva que o jovem brasileiro tinha em relação ao sagrado e a religião. Já que o país,

mesmo após a independência continuava com a religião atrelada ao Estado. Mesmo com outras manifestações religiosas não sendo proibido, o catolicismo era a religião oficial no Brasil. Com os jovens seguindo seus pais em missas novenas e para rezar o terço, principalmente às filhas mulheres.

Durante o século XX houve uma grande modificação estrutural no Brasil, foi a transformação do país de um país agrícola e com a esmagadora maioria de sua população vivendo no campo para um país industrial e urbanizado. Desde o final dos anos 1800, com a abolição da escravidão, o Brasil viu-se obrigado a importar mão de obra para substituir o trabalho escravo.

Os imigrantes trouxeram com eles mais que braços para o trabalho, também trouxeram a experiência do início da urbanização e industrialização em seus países. Uma obra da teledramaturgia brasileira que exemplifica este contexto muito bem é a novela “Terra Nostra”, exibida na rede Globo. Mostrando o trabalho nas cidades e as organizações de manifestações e sindicatos atrelados a presença do imigrante em solo brasileiro.

Mesmo com a educação religiosa familiar de berço, estas pessoas, residentes nas cidades já tinham outras ocupações, além as missas de domingo, a maior, senão a única distração para muitos habitantes das regiões rurais do Brasil. Para o historiador Jacques Le Goff, a Idade Média avança até o século XIX finalizando sob o efeito do avanço tecnológico, revolução industrial e do choque social e político, reflexo da Revolução Francesa. Outros aspectos são mencionados por Le Goff, como por exemplo, a fome que, tanto na Idade Média como no século XIX, teve seu espaço delimitado, ou seja, dizimou muitas pessoas. No campo da educação é a Idade Média que abre espaço para a Universidade, evento ocorrido no século XIII, como no século XIX, que tem na universidade de Berlim o modelo de universidade. No Brasil a Idade Média que proposta por Le Goff adentra pelo século XX, com os muitos casos de doenças ligadas a falta de higiene e ao péssimo tratamento de saúde. E até pelo pensamento ligado a superstições e credices do habitante do campo no interior do país. O país era essencialmente agrário:

Era, na verdade, o país historicamente articulado ao sistema colonial do capitalismo mercantil e determinado pelo modo de produção capitalista a ser uma colônia de exploração e não uma colônia de povoamento. A primeira “tem urna economia voltada para o mercado externo

metropolitano e a produção se organiza na grande propriedade escravista”, enquanto na segunda “a produção se processa mais em função do próprio consumo interno da colônia, onde predomina a pequena propriedade”. Em outras palavras, a colônia de povoamento é aquela que não desperta o interesse econômico da metrópole e permanece à margem do sistema colonial, enquanto a colônia de exploração está ajustada às exigências econômicas do sistema (Chauí, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vinda dos jovens para as cidades no Brasil intensificadas após a segunda metade do século vinte, ligadas a implantação de um modelo modernizador proposto por Getúlio Vargas e pela indústria automobilística em conjunto com o projeto de integração nacional de Juscelino vai modificar o olhar do jovem sobre o sagrado?

O Brasil não teve uma preparação para a urbanização como as potências industrializadas (Europa, Estados Unidos e Japão). Com a ocupação das cidades acontecendo de forma desordenada, ocupando alto de morros e fundo de vales, quando o acesso às moradias do centro e bairros nobres se tornaram muito difíceis por causa do alto preço dos imóveis. A juventude foi muito afetada por esta nova condição. E, muitas vezes sua relação com o sagrado e com a religião também, seja pela dificuldade de acesso às igrejas. Seja pelo surgimento de outras atividades mais próximas das comunidades, como os bailes, bem atrativos para a juventude. Por outro lado, muitos jovens veem nas igrejas um ótimo lugar para se relacionar com pares de iguais.

A juventude pensa a igreja e suas atividades como algo secundário em suas vidas agitadas? Com o passar do tempo, chegando aos anos 60 tem se a sensação que tudo está perdido e que a fala de Townshend tem todo o sentido. Se for para reviver todo o horror da Segunda Guerra Mundial com a Guerra Fria e com a falta de políticas públicas afirmativas em busca da paz e da diplomacia contra a selvageria reinante no mundo. Por que razão continuar vivendo nele.

A Guerra Fria acabou; *Townshend* tem 75 anos e não morreu jovem como cantava. O mundo cristão assistiu o fenômeno do movimento carismático e a efervescência da pastoral da juventude. Ambos esquentaram, esfriaram e deram lugar a grandes shows evangélicos, que no Brasil foram liderados pelo grupo Diante do Trono, no início dos anos 2000. Agora estes jovens estão órfãos de um

grande movimento ou estão órfãos de um grande ideal, desde que não seja morrer antes de ficarem velhos?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ariès P (1978). *História social da criança e da família*. Editora: Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 224p.
- Blainey G (2010). *Uma breve história do cristianismo*. São Paulo, Editora: Fundamento Educacional, São Paulo. 328p.
- Cupitt D (1999). *Depois de Deus*. Editora: Rocco, Rio de Janeiro. 144p.
- Eliade M (1979). *História das crenças e das ideias religiosas*, Tomo II, de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. volume I, das religiões da China antiga à síntese hinduísta. Editora: Zahar Editores, Rio de Janeiro. 468p.
- Eliade M (1992). *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. Editora: Martins Fontes, São Paulo. 200p.
- Mondin B (1980). *O homem: Quem é ele? Elementos de Filosofia Antropológica*. Editora: Paulus, São Paulo. 336p.

---

## Nietzsche e a educação brasileira no século XXI

### INTRODUÇÃO

A educação é um tema recorrente em Filosofia desde seus primórdios na Grécia Antiga, com as discussões entre Sócrates e os Sofistas. O filósofo alemão do século XIX Nietzsche traz constantemente em suas obras, principalmente Schopenhauer Educador, o tema da formação humana. Para Nietzsche, o educador deve despertar no educando o interesse por uma formação cultural mais elevada. Nos dias atuais há dificuldade, segundo Demo (1994), de conciliar a educação com quantidade e qualidade. Existe uma demanda de qualificação profissional em conjunto com a educação para formação cultural, e não apenas uma preparação tecnicista.

A educação ocorre de acordo com as necessidades temporais e espaciais das mais diversas sociedades. A educação foi fundamental para a formação da Alemanha como uma grande nação Weber (2008), não é possível vislumbrar um futuro melhor sem educação de qualidade. A educação é um alicerce da civilização, que vem sendo relegado a um papel secundário nas últimas décadas em nosso país.

Para demonstrar como é possível estudar e escrever textos de qualidade, Nietzsche se preocupa em realizar uma análise de suas obras e de como ele se prepara para estudar e para ser como ele mesmo escreve tão inteligente, o que faz com brilhantismo em seu livro: *Ecce Homo*. A busca por excelência em educação passa pela conscientização do educando e não apenas dos professores, que ele precisa se dedicar, se preparar para fazer melhor. Não sendo a educação uma etapa da vida de uma pessoa enquanto esta está nos bancos escolares, mas um processo que deve perdurar por toda sua existência. Igualmente, sem esta conscientização e esta internalização, a educação formal será apenas um diálogo sem sentido para os estudantes.



A educação deve ser principalmente uma formação para a cultura. O que não vinha ocorrendo segundo Britto (2008), Nietzsche condena a postura adotada nos ginásios alemães de sua época. Que não instruíam os estudantes como deveriam, não possibilitando uma formação completa. Como a formação dos gregos, uma formação integral, a Paideia.

A educação pode atrelar qualidade e quantidade, sendo a formação do professor e seu trabalho em sala de aula o que mais contribui para que esta seja de qualidade. Para Demo (1994), a má formação dos professores é um dos grandes responsáveis pela educação de má qualidade. Sendo necessário existir uma formação e uma valorização melhores para os professores estarem aptos e dispostos a realizar melhor seu trabalho. Sem um professor motivado pelo que faz, ele dificilmente tem condições de fazer com que seus alunos se encantem pela aprendizagem.

Analisando a situação da educação e da formação de professores Demo (1994), enfatiza a condição do professor, não como mero reprodutor de conhecimentos, o que tornaria a educação desagradável e estanque. Este precisa realizar um trabalho no qual o aluno seja estimulando a estudar, a aprendizagem como um desafio interessante. Já que muitas vezes ocorre o ensino, mas este está dissociado da aprendizagem, que é/ou deveria ser o foco principal da educação de qualidade. O foco da escolarização deve estar na aprendizagem e não no ensino, com os alunos não retendo quase nada daquilo que é trabalhado em sala de aula.

Em nossos dias, com o advento da globalização e a busca por maximização dos resultados. A educação ocorre como uma preparação para o mercado, o que impede a construção de cultural dos educandos. Gentili e Silva (1997) propõe que esta situação impede uma formação mais humana, dando continuidade de um ensino técnico, visando à formação de trabalhadores. Quando isto ocorre, há a amputação da criatividade dos alunos, há a transformação de crianças e jovens em seres sem condições de interpretar e agir na realidade na qual estão inseridos.

Com a globalização, um fator de inter-relação entre povos, culturas e mercados do mundo todo, surge a necessidade de formar para o trabalho. O grande desafio é não deixar de lado a formação humana, para que os alunos não fiquem carentes de cultura. Os mercados exigem pessoas que possam

atender suas necessidades Gentili e Silva (1997), mas as pessoas menos qualificadas estão sendo substituídas por máquinas, que não precisam pensar para realizar atividades mecânicas. Tendo como base a concepção de qualidade em educação, quais seriam as relações entre Nietzsche e educação de qualidade?

Desta forma, o presente trabalho objetiva analisar a concepção de educação para Nietzsche e o que ele entende como necessário para despertar o gênio. Compreender a concepção ideal de educação de qualidade em Nietzsche para que esta possa ser analisada dentro do contexto em que está inserida a sociedade ocidental atual. No caso, vivenciamos o ápice do neoliberalismo, com o crescimento do clamor pelo Estado mínimo e o domínio das grandes corporações na vida das pessoas, uma das características da globalização.

O presente trabalho será realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, procurando estabelecer a relação entre o pensamento sobre educação dos autores através de revisão bibliográfica comparativa. A pesquisa sobre o tema será realizada com base nas leituras selecionadas. Com a realização de coleta de informações, realização de anotações dos textos, elaboração de fichamentos. Possibilitando a comparação entre os textos dos autores selecionados para realizar reflexões acerca da influência do pensamento de Nietzsche em educação e da situação da educação brasileira no início do século XXI.

Desta forma, o trabalho vai apresentar algumas considerações de Nietzsche sobre educação. Bem como as análises de Danelon, Britto e Weber sobre os escritos de Nietzsche sobre educação. Apresentar as posições de Demo e Gentili e Silva sobre a educação de qualidade e neoliberalismo e qualidade total em educação. Para, finalmente realizar um paralelo entre o pensamento sobre a qualidade em educação e o combativo pensador alemão do século XIX.

## **A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO**

Tradicionalmente a educação prepara o ser humano para a convivência na sociedade onde ele está inserido. Sendo o professor um meio ou um canal para que esta continuação de transmissão/aquisição de conhecimentos seja possível. Não é o que o filósofo alemão pensa a respeito,

já que ele não enxerga um processo de constante evolução rumo a uma sociedade progressista, como pensa os positivistas.

Mas, que a partir do período clássico grego Nietzsche (2009b), a civilização iniciaria um processo de derrocada, iniciado com Sócrates e a pretensão do domínio da razão e do apolíneo sobre as pulsões, a vontade de poder, a busca pela vida e suas manifestações seria sublimada em nome da racionalidade. Com o apolíneo vencendo os aspectos dionisíacos da vida humana, fazendo com que o ser humano se convertesse em um animal de rebanho.

A educação para Nietzsche (2009a) não deve ser apenas para formar um cidadão ou um trabalhador para a sociedade. Mas ir além dela, a educação deve ser a porta de entrada para o homem superior. Não ficar repetindo aquilo que os outros já fizeram, faz-se necessário uma ruptura com o tempo em que se está inserido. Com a sociedade de seu tempo devendo ser desprezada. Desta forma, a educação faz parte do projeto nietzschiano de formar o homem superior, o *übermensch* (o além do homem ou o super-homem).

Nietzsche (2009b) via em Schopenhauer exemplo de educador, que merece ser visto como exemplo para seus alunos. Já que o importante era a necessidade de despertar o gênio que havia em seus alunos, e ninguém mais que um gênio para despertar um outro, ou para reconhecê-lo.

O Zarathustra de Nietzsche (2009) anuncia pelas ruas, praças e pelas montanhas que o homem é um animal a ser superado. Devendo abrir espaço para o que vem após ele. O homem está sobre uma corda em um abismo. É uma ligação entre o não homem e o além-humano. Para que esta última condição, o *übermensch* seja encontrado ou conquistado é necessário deixar o velho homem para trás e seguir adiante, abandonando as velhas crenças que a afastam o homem de seu objetivo, o de ser um ser superior. O caminho do homem é para vir a ser, tornar-se o que se é.

O chegar a ser sujeito se prepara no inconsciente e, durante muito tempo, a consciência ignora o trabalho secreto do instinto e do modo como utiliza os rodeios para impor uma hierarquia dominante. Para chegar à própria meta, parece dizer Nietzsche, não tem que se saber aonde se vai, não tem que se deixar seduzir por finalidades demasiado concretas, por imperativos com os quais a consciência se entende rapidamente, mas tem que saber perder o tempo, vagabundear, não se esforçar por nada concreto, não se propor a uma finalidade, não aspirar a nada determinado (Larossa, 2004).

A educação deve ter este propósito, segundo Larossa (2004), o homem nietzschiano deve seguir rumo ao além-homem. A ciência e a religião acabam dificultando a caminhada da humanidade, pois apresenta ídolos que impedem o ser humano de ver claramente o que está diante de seus olhos, impedindo-o de continuar sua caminhada. Já que podem constituir verdades absolutas e não deixam o ser humano encontrar aquilo a que está destinado, são fontes para o *nihilismo*. Impedem o processo de emancipação por colocarem a verdade em um mundo além, em um futuro, em um paraíso e não aqui, onde agimos.

O pior caso para Nietzsche (2009a) é a religião que faz com que as pessoas abandonem a vida e com o ideal acético. Passam suas vidas em negação em nome de algo maior, ou melhor, em uma vida futura. Um post-mortem que torna a vida um mar de lágrimas e ressentimento. Estes ressentidos contra a vida e contra os aristocratas, em melhores condições que eles, de serem maus, enquanto se autointitulam como bons.

Percebem-se outros ídolos estão tomando o lugar da ciência e da religião no impedimento ao acesso a uma formação de qualidade. Se nas décadas de oitenta e noventa os educadores se preocupavam com o efeito pernicioso que a televisão teria sobre a vida dos jovens. Principalmente porque era diante dela que estes passavam grande parte de seu chamado tempo livre diante do aparelho. Com o advento da disseminação das novas tecnologias da informação, são estas os novos educadores da juventude, que querem informação rápida, em qualquer hora e em qualquer lugar e não uma formação que terão que ir aprimorando durante toda sua vida.

Nietzsche se declarava um leitor que lia lentamente e que escrevia em fragmentos para poder ser lido da mesa maneira que escrevia, devagar, chegando a afirmar que seus textos eram para serem ruminados, como os bois ruminam seu alimento. Era preciso ler e ficar, pensando, refletindo sobre aquilo que estava escrito, não ler com pressa, apenas por ler, tinha que ter um significado para o leitor, fazê-lo pensar sobre aquilo, se debruçar sobre os textos. O que na atualidade soa um tanto quanto dissonante, diante do imediatismo instaurado em nossa sociedade.

Em realidade, o menos importante é o que Nietzsche diz sobre qualquer coisa. Da mesma maneira, pouco importa quais eram suas intenções, o que é que Nietzsche queria fazer com o que dizia. O importante não é o que ele diz, nem porque o faz. O que importa, e o que continua dando o que pensar, é seu modo de dizer, o modo como estabelece uma relação inédita entre a língua e aquilo que nomeia, o modo como faz aparecer fatos insuspeitos, associações novas, objetos desconhecidos (Larossa, 2004).

Perceber este o que ele queria dizer não é algo que é feito sem um pouco de esforço. Outros escritores e textos não podem ser vistos com olhares menos atentos, é preciso saber ler o mundo. Cortella (2007), diz que arte do piano clássico vai acabar desaparecendo de nossa sociedade. Por que poucas crianças tem a disposição de ficar sete, dez anos estudando algo para poderem tocar piano com alguma qualidade. Não há a disposição para gastar tempo e energia em algo que não traga a satisfação ou a recompensa imediata. Bauman também salienta em seus estudos sobre o caráter líquido de nossa sociedade, que a espera por uma recompensa diminuiu em muito seu tempo. Isto acaba influenciando não só a economia como a própria educação em nossa sociedade.

Não dá para ficar esperando, estudando anos a fio para se conquistar algo, as pessoas querem a conquista antes mesmo do sacrifício realizado para tanto. Um exemplo disto é a formação de nossa sociedade baseada no crédito. Não é preciso ter o dinheiro para adquirir o bem, nem passar vários anos economizando e guardando em uma caderneta de poupança. Basta que tenha um cartão de crédito e o milagre se realiza. O bem almejado vem antes do trabalho que teremos para pagá-lo, o problema é que este bem terá que ser pago algum dia, de uma maneira ou de outra.

Um dia a menos ou um dia a mais será preciso demonstrar que na escola houve formação adequada e não apenas uma série de decorações de conteúdos a serem aferidos em uma prova que pode não provar grande coisa no final. E quando isto acontece é que vem a cobrança sobre a efetiva apropriação dos conhecimentos por parte dos alunos. Que muitas vezes não estão verdadeiramente preparados para a vida e para a cidadania e não entendem a importância fundamental da escola e dos estudos em suas vidas.

E esta seria a base para a moralidade e para a educação, com a culpa pelo fracasso sendo atribuídas a outros, no lugar de encontrar e arcar com as responsabilidades. Para Nietzsche, esta

condição atrapalha o ser humano e seu desenvolvimento, já que os homens acabariam deixando suas vidas nas mãos de um deus, ou de um destino incerto, no lugar de buscar lutar por uma vida melhor.

## EDUCAÇÃO E QUALIDADE

Para acordo com Demo (1994), a educação com qualidade não pode ser vista apenas como algo destinado para poucos, implica em estender a educação com qualidade para o maior número de pessoas possível. Se houver uma educação para poucos a sociedade não sentirá o reflexo desta educação. Para que seus resultados sejam efetivos a qualidade deve ser globalizada.

Quantidade para a qualidade é a base e condição. Como base, significa o concreto material, de que também é feita a vida. É corpo, tamanho, número e extensão. Como condição, indica que toda pretensão qualitativa passa igualmente pela quantidade, nem que seja como simples meio, instrumento, insumo. Torna-se menos comum e redução da realidade toda à matéria, nem vale a pena desconhecer as necessidades materiais, porque a felicidade não é apenas ter, mas, sobretudo, ser (Demo, 1994).

Neste sentido a educação entra em contato com o que seria o *bildung*, de Nietzsche, a formação, enquanto integralização do ser humano. A educação não deve ser algo que não seja levada a sério. Não pode ser vista como algo transitório, que deve ser eliminada o mais rápido possível. Como algumas pessoas que respondem já terem terminado os estudos quando concluem o ensino médio. Entretanto, é notório que o ensino médio está muito mais medíocre do que para médio, sendo apenas uma das etapas elementares da formação acadêmica.

A educação deve ser um processo contínuo de aperfeiçoamento do ser humano. Não ser um meio utilizado apenas com o objetivo de preencher vagas no mercado de trabalho. Nem ser uma realização mecânica de acúmulo de conhecimentos que são descartados tão logo sejam utilizados em forma de provas que não provam nada a não ser a capacidade de memorização.

Para os alemães do século XIX foi fundamental o investimento em educação para formarem uma grande nação. Não conseguiriam estabelecer um dos povos mais cultos do mundo. Que resistiram a duas guerras mundiais na primeira metade do século XX sem que houvesse uma sólida base cultural por trás desta sociedade. O povo alemão valoriza a formação, *bildung*, para a vida desde antes da sua consolidação como uma nação independente.

Para que haja educação o essencial é o material humano. Diferente de muitos ramos onde os investimentos em tecnologias e máquinas. Em educação é fundamental que tenha muitos investimentos em recursos humanos. Para que tanto professores quanto alunos possam ter um ambiente propício para a construção do conhecimento.

Educar deve ser um processo para toda a vida, Nietzsche (2009b), afirma que a educação deve ser da cultura e para o aperfeiçoamento do ser humano e não apenas um aspecto sem grande importância. A falta de investimentos em educação de qualidade e valorização da mesma tem resultado em grande fracasso em nossa sociedade. Em que os índices não apresentam nada de satisfatório.

Enquanto o interesse pela valorização da educação não for traduzido em sua melhoria teremos este quadro triste. De acordo com Demo (1994), não é só culpa dos órgãos governamentais a situação deplorável de nossa educação. O profissional da educação deve levar seu trabalho mais a sério. A formação deve ser completa para que o sujeito seja atuante na sociedade em que ele vive.

O desafio construtivo aponta para a capacidade de iniciativa, autogestão, proposta. Realça a condição de sujeito histórico capaz, que não se deixa levar, mas busca comandar, com autonomia e criatividade, o processo de desenvolvimento. Para tanto, persegue adotar certas instrumentações mais decisivas, nomeadamente, conhecimento, que é a maneira mais eficiente de fazer e inovar a história (Demo, 1994).

Um dos aspectos que mais ressaltam esta condição é a baixa remuneração dos professores é a fuga das melhores cabeças para outras profissões. Os melhores profissionais ou são desestimulados pelas más condições de trabalho e acabam não tendo o rendimento esperado ou acabam mudando de profissão em busca de maior remuneração e de melhores condições de trabalho.

Os professores não podem ser vistos como sacerdotes e sua profissão com um aspecto religioso. A educação, assim como muitas outras, merece ser vista como uma que oferece oportunidade de seguir carreira em uma profissão. E os profissionais que escolhem este caminho devem ser respeitados e valorizados. Paulo Freire, no livro com o nome **Professora sim, tia não**, os professores devem ser vistos como professores valorizados por isto, não como uma subprofissão para mulheres e homens que não conseguem ou não tem uma condição melhor em outras profissões. Nem como um membro da família, o professor não é tio ou tia dos alunos, sua principal função é o trabalho com o conhecimento.

Devendo ter outros profissionais especializados para realizarem outras funções, como a de psicólogos e de assistentes sociais. A escola acaba acumulando funções e não realizando com qualidade aquilo que deveria ser seu principal foco. A formação cultural, que para Nietzsche (2009b), deve ser o que eleva uma nação.

O professor para Demo (1994) deve trabalhar duro para que a educação tenha resultados positivos. Uma educação de qualidade, segundo o autor, começa com bons professores, comprometidos com seu trabalho. Dedicados para que os alunos não sejam apenas seus espelhos, como sugere Nietzsche em Schopenhauer educador. Mas para que os alunos sejam incentivados e desafiados a aprender.

Ter uma formação de qualidade é vista como essencial na grande maioria das profissões. Entretanto, não é um consenso entre os profissionais da educação. Para muitos professores, erroneamente, aprende-se apenas a lecionar em sala de aula. Infelizmente são reproduzidos os modelos dos estágios mal realizados. Onde o professor adota uma postura tradicional e ativa diante dos alunos passivos e vistos como incapazes de aprender por conta própria. O que acaba formando novos professores com uma mentalidade de um século de atraso e que não contribuem para a evolução e melhoria da educação.

Outro aspecto que degrada a educação é a qualidade destes cursos, voltados para a formação dos professores. Vistos como cursos para pessoas menos capacitadas ou que não tiveram a oportunidade de ingressar em um curso melhor, estes geralmente apresentam baixa qualidade.

Os cursos de pedagogia precisam ser atuais para ter efeito atualizador. Devem abandonar posturas arcaicas ligadas, por exemplo, do distanciamento das áreas de exatas, à confusão tola entre humanismo e incompetência técnica, no nivelamento por baixo de disciplinas como filosofia, estatística e planejamento e que saiba realizar a distinção entre ideologia e ciência (Demo, 1994).

Muitas pessoas encaram o ter prazer em aprender com aulas divertidas, com aulas engraçadas ou com os professores saindo daquilo que seria sua verdadeira função que é dar aulas. E nestas aulas, levar seus alunos a gostarem de estudar. A escola não pode ser vista como uma obrigação, um lugar de tortura. Para onde os alunos só vão porque são obrigados ou por medo de alguma punição.



Para Cortella (2007) as crianças e os adolescentes adoram a escola, elas vão até felizes para a escola e ficam muito felizes nelas. Desde que não tenha aulas, o que elas não gostam é das aulas. Durante as aulas as crianças sentem sono, se enfadam, tem vontade de ir ao banheiro, de ir tomar água. Até falta de ar as crianças e adolescentes sentem quando entram em sala de aula. Há uma fobia por sala de aula no momento em que as aulas são ministradas.

Verdadeiramente, as aulas estão desconectadas do mundo em que os alunos estão vivendo. Enquanto as novas tecnologias da informação e da comunicação criam aparelhos sofisticados a cada seis meses. Com novos computadores, celulares e aparelhos com dezenas de utilidades.

As escolas continuam com os professores, as fileiras de carteiras e o famigerado quadro negro. Muitos professores não sabem nem ligar um destes novos aparelhos, enquanto os alunos sabem utilizá-los de forma impressionante. Segundo Cortella, os desenhos animados não passam de vinte minutos cada um, porque as crianças de hoje não conseguem prestar atenção em algo mais que este tempo. E as aulas atualmente têm cinquenta minutos se forem aulas simples ou cem minutos se forem aulas geminadas. O que é uma tortura para uma criança de 6 (seis) a 14 (catorze) anos, período do ensino fundamental de nove anos. As crianças e adolescentes desta faixa etária geralmente têm celulares, computadores e tablets em suas casas, com jogos e vídeos que se sucedem em ritmo frenético. Ficar sentado, quieto, com muitos outros pares seus, sem poder fazer outra coisa do que prestar atenção em seus professores é uma tarefa digna de uma mente sádica.

Foucault, em *Vigiar e Punir* compara as escolas com as instituições prisionais. Por que estas já vão condicionando as crianças e os adolescentes ao mundo que tradicionalmente sucede o mundo escolar. O mundo do trabalho no modelo da produção do *Taylorismo-Fordismo*, aonde os funcionários vão se especializando em uma função para suprir as necessidades da sociedade da produção em série. Charles Chaplin, em seu belíssimo filme *Tempos Modernos*, retrata com muito bom humor e um tom de crítica a sociedade a maneira como este modelo afetava a vida das pessoas.

O grande problema é que este modelo não se mostrou o mais adequado e foi visto como ultrapassado pelo modelo *Toyotista*, que mostra uma visão mais abrangente do mundo. Com cada

funcionário devendo ter conhecimento sobre todo o processo de produção. Enquanto as escolas pouco ou nada fizeram para melhorar suas condições em relação aos alunos. Que muitas vezes veem as instituições escolares como foi magistralmente captado pela mente dos membros da banda progressiva inglesa Pink Floyd na música título do álbum de 1977, *The Wall*. Onde os alunos são vistos como seres para serem modelados para a sociedade onde estão inseridos. E o professor se apresenta como um ditador, um membro torturador do sistema sobre as crianças.

Para Nietzsche (2009b), que via a decadência da sociedade de sua época esta educação que se perpetua pode ser vista como errada. Já que não está formando pessoas para a elevação do ser humano e para um homem melhor. Uma educação para a vida, que ele tanto valoriza em seus escritos. Já que a formação apenas para o mundo do trabalho ou para a ciência não é uma educação completa.

Quando é perguntado em sala de aula para os alunos, muito, mas muito raramente mesmo, encontrado como resposta que eles estão sendo educados para a vida. A resposta mais recorrente é que estão estudando para encontrar um trabalho melhor. Outra resposta é que estão estudando para ser alguém na vida. Como se ser alguém na vida fosse conseguir um posto eminente na sociedade. Alguém que não tem as condições financeiras privilegiadas não é visto como alguém na vida.

Esta é uma das razões pelas quais a má remuneração dos professores é vista como degradante. Porque estudar para ser professor, ter um diploma de graduação, fazer especialização, concurso público e simplesmente não ser considerado alguém na vida? Então os estudantes, simplesmente não querem ser professores, querem ser alguém na vida, algo que eles acreditam, que definitivamente, seus professores, não são. Pois não enxergam em seus professores exemplos a serem seguidos para um caminho de sucesso, ainda mais em uma sociedade que tanto valoriza os bens materiais.

Por isso autores, como Demo, afirmam que a valorização profissional não são um incentivo para quem está trabalhando na educação. Mas também é uma garantia para que a profissão não seja cada vez mais vista como algo de segunda ou de terceira linha. O jornal A gazeta do povo, de Curitiba, no Paraná, anunciou este ano que mais de 40% dos ingressantes em cursos de licenciatura no estado não concluem o curso, porque não acreditam ser a profissão atrativa.

O ser alguém na vida que os alunos acreditam que vão conseguir com a educação muitas vezes os decepciona. Já que a educação precisa preparar e fortalecer-los. Para que estejam preparados para o fracasso tanto quanto para o sucesso. E mais para que eles vejam uma importância em ser alguém na vida como algo mais que conseguir um bom emprego. Ser alguém na vida pode incluir a educação para a cultura, tão almejada por Nietzsche, o que torna estas pessoas mais preparadas para a vida em sociedade. Conscientes de seus direitos e deveres e não serem vítimas tão fáceis das ideologias dominantes.

Gentili e Silva (1997), vai além nesta discussão, mesmo se preocupando com a formação cultural, é preciso ter uma educação atenta com nosso tempo. A educação deve preparar o estudante para a cidadania. O que inclui estar preparado para o mundo altamente competitivo do capitalismo globalizado. O mundo contemporâneo é dominado pela globalização e sua manifestação se dá na interação entre pessoas, países, mercadorias, capitais e serviços. O que faz com que a educação tenha a necessidade de preparar para viver neste mundo interligado.

O que não é uma tarefa fácil, dependendo de estar preparado para mudar completamente os hábitos ao sabor do vento. Já que o sucesso do modelo capitalista pós Guerra Fria não se mostrou sólido. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman difundiu o termo Modernidade Líquida, o que ele associa ao mundo contemporâneo. E é um dos principais estudiosos e críticos do ritmo de consumo e modo de vida da sociedade. Bauman tem vários livros em que discorre sobre este tema, como 44 cartas para um mundo líquido e Amor líquido, onde fala da constante fluidez em que se encontra o mundo contemporâneo.

Um reflexo do mundo globalizado, onde as fronteiras são derrubadas. Principalmente após a eclosão da bolha imobiliária em Nova Iorque nos Estados Unidos, em 2008. Que levou o mundo todo ao pânico nos meses e anos seguintes. Já que não há mais a garantia de emprego e renda para todos e uma felicidade. O que tem levado muitos jovens e adultos a crerem em alternativas apresentadas por grupos políticos que baseiam seus discursos em xenofobia, misoginia, homofobia e entre outros, que não seriam aceitos em um debate civilizado há poucos anos.

Nietzsche crítica os estabelecimentos de ensino de sua época, onde ainda eram centros de ensino. Se ele pudesse realizar uma visita a uma escola da atualidade, provavelmente ele tentaria ressuscitar Deus, o qual ele declarou morto logo nas primeiras páginas de seu livro mais proeminente, o Zaratustra. Muitas instituições parecem muitas coisas, menos instituições de ensino.

Educar para a vida contra uma sociedade opressora, em favor da aristocracia, para a liberdade não é um trabalho fácil para os professores da atualidade. Entretanto, Demo, (1994), relata que os professores não são vítimas inocentes da situação em que se encontram e sua valorização ou desvalorização profissional. Os professores precisam trabalhar com mais afinco e com responsabilidade para formarem uma geração de estudantes interessados em estudar.

O aluno não pode ser o objeto passivo, um depositário da educação. Não pode ficar no velho modelo de aula, memorização, prova, recuperação, aprovação e reprovação. O aluno que faz parte do processo não é um ser inerte, mas ativo dentro deste processo e mais disposto a participar e a aprender junto com o professor que precisa ter esta disposição, de não ser apenas educador, mas, sobretudo, querer ser um aprendiz. De outra forma, o processo educativo simplesmente perde o seu sentido de existir.

Se a educação de qualidade é construtiva e participativa, o aluno não vem à escola ou a universidade para ser objeto da aprendizagem. Vem participar do processo construtivo do conhecimento, tanto quanto o professor, embora em estágio diverso (Demo, 1994).

Para Demo (1994) o professor deve ser ele mesmo um pesquisador, um descobridor de possibilidades e não apenas um papagaio dos manuais e de educadores clássicos. O que vale em um determinado recorte temporal e espacial não pode ser visto como o mesmo em todos os lugares do mundo. Da maneira que esta não há uma relação professor aluno, de um lado está o aluno e do outro lado está o professor. A relação não se dá da maneira que deveria, pois, em muitos aspectos o aluno ainda é visto como um ser que não sabe e o professor como o ser que sabe e vai passar o que sabe para o aluno, sendo este o objeto da educação quando poderia e deveria ser o sujeito.

É evidente que existem metodologias e práticas pedagógicas que podem ser aproveitadas e utilizadas no presente. Mas é preciso pensar reflexivamente sobre aquilo que é posto para os educadores. Não engolir qualquer coisa que é repassada a eles e simplesmente repassar aos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se inferir que Nietzsche ia contra a ciência e a educação de seu tempo que não prezavam pela formação integral do ser humano. Para ele a educação tem a função e o dever de por toda a vida ir contribuindo para a transformação do ser humano naquilo que ele é. É o caminho para o homem tornar-se o ser a que está destinado. O que a educação está alijando dos educandos, já que estes estão sendo formados para ser aquilo que se desejam deles.

A educação deve ter uma importância maior na vida das pessoas, esta sua necessidade. Para o desenvolvimento efetivo de uma nação a educação deve ser de qualidade. Nietzsche (2009b) entende a educação como formação humana, a construção do sujeito em um campo mais extenso do que apresentado na escola. A educação precisa permear todos os aspectos da vida humana.

E esta educação só pode ser de qualidade quando esta tiver um material humano de qualidade. O que só pode acontecer com uma formação de qualidade e valorização dos profissionais da educação. Enquanto estas condições não forem satisfeitas a educação não terá uma evolução. Mantendo baixos índices de qualidade.

Outro problema é o desprezo para a formação humana com um ensino voltado para a o mundo do trabalho e não para a cultura. A formação cultural ficou perdida, enquanto a formação para o trabalho não satisfaz mais a necessidade da demanda por trabalhadores, que exige pessoas dinâmicas e com a capacidade de exercer várias funções. O que a formação escolar não consegue suprir.

Só existirá educação com uma transformação na maneira de ver a escola e de se trabalhar nela. Enquanto o sistema for impregnado por este pensamento tecnicista, herança de um método extremamente quantitativo que não valoriza a qualidade, só prezando pela quantidade não será possível

ter uma educação que realmente forme para a vida e para a transformação deste bípede sem penas em um ser entre o homem e o além-homem.

Não importa somente a quantidade de alimentos ingeridos, e sim a qualidade que estes apresentam. O mesmo vale para a educação, diferente dos tempos de Nietzsche (2009c), existe muita informação a disposição de todos o que falta é um filtro para estas informações serem traduzidas em algo que realmente valha a pena aprender e tenha significado. Que possa encantar os alunos e fazer com que tenham interesse pela aprendizagem, que ela tenha significado em suas vidas.

Algo semelhante deve ter sido despertado no jovem Nietzsche (209b) diante de Schopenhauer, que segundo ele o teria despertado. Que a função do professor seja realmente esta a de despertar o gênio que há, sendo este mesmo um gênio, Não importa que ele tenha se distanciado do mestre. Com a situação em que deixamos que a educação ficasse está cada vez mais difícil encontrarmos professores com esta capacidade.

Nietzsche, assim como muitos outros pensadores, entendia a educação como algo que viria com muito esforço, que não está nem perto de querer ser realizado por muitas pessoas. Outro aspecto em sua filosofia é o da educação pelo exemplo, do discípulo, daquele que segue o mestre. E até mesmo, como foi seu caso em relação à Schopenhauer, daquele que inicia com um mestre e depois o abandona para trilhar seu próprio caminho da direção de tornar-se aquilo que é.

A falta de disposição para isto envolve uma estrutura que deve ser modificada para que a educação trilhe os caminhos da formação humana e cultural. O que é seu papel deste os tempos remotos, quando os homens das cavernas quebravam pedras. O que problema é que muitas crianças e jovens aprenderam a quebrar pedras vendo os adultos fazerem. E não existem muitos adultos querendo quebrar pedras atualmente.

Quando os professores puderem ser o exemplo a ser seguido e sua profissão seja entendida como fundamental não apenas como reprodutora da sociedade. Mas como a construtora de possibilidades para pessoas e comunidades. A educação começará a dar os passos em direção ao caminho certo. Não que tudo que foi construído até aqui esteja errado. Só chegamos até aqui graças ao

modelo estabelecido. Mas a preocupação com a qualidade deve ser também uma preocupação com aqueles que ficam esperando ou simplesmente jogados na beira do caminho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Britto FL (2008). Nietzsche, bildung e a tradição magistral da filosofia alemã. *Analytica*, 12(1): 149-181.
- Cortella A (2007). *Criança em seu mundo*. Café Filosófico. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=-y1-o\\_kJ5Kk](http://www.youtube.com/watch?v=-y1-o_kJ5Kk). acesso em 20 de julho de 2013.
- Demo P (1994). *Educação e Qualidade*. Editora: Papirus, Campinas. 160p.
- GENTILI, Pablo A. A.; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.) (1997). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Editora: Vozes, Petrópolis. 204 p.
- Larrosa J (2004). *Nietzsche e a educação*. Editora: Autêntica, Belo Horizonte. 120p.
- Nietzsche F (2009a). *Além do bem e do mal*. Editora: Escala, São Paulo. 248p.
- Nietzsche F (2009b). *Schopenhauer educador*. Editora: Escala, São Paulo. 111p.
- Nietzsche F (2009c). *Genealogia da moral*. Editora: Escala, São Paulo. 176p.
- Weber JF (2008). Autoridade, singularidade e criação: sobre o problema da formação (bildung) em sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino, de Nietzsche. *Educ. Soc.*, 29(103): 515-532.
- Weber JF (2010). Conhecimento, ilusão e arte no jovem Nietzsche. *Impulso*, 20(50): 35-47.

## SOBRE OS AUTORES



### **Mônica de Fátima Coelho**

Especialista em História, Arte e Cultura Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Licenciada em Psicopedagogia - Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Licenciada em História - Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Licenciada em Pedagogia - Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Professora de História na Secretaria Estadual de Educação do Paraná desde 2005. Professora Pedagoga na Secretaria Estadual de Educação do Paraná desde 2005. Contato: [monica.f.coelho@gmail.com](mailto:monica.f.coelho@gmail.com)



### **Reginaldo dos Santos Simões**

Mestre em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias - Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Licenciado em Filosofia - Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Licenciado em Geografia - Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Professor de Geografia na Secretaria Estadual de Educação do Paraná desde 2010. Professor de Geografia no Centro de Ensino Médio de Cambará (PR), desde 2019. Contato: [reginaldo1simoes@hotmail.com](mailto:reginaldo1simoes@hotmail.com)



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

agrícola, 17, 38  
 Annales, 8  
 aperfeiçoamento, 48, 49

### B

Bandeirantes, 8, 16, 17, 18, 19, 20, 22

### C

caminho, 24, 33, 45, 49, 52, 55, 56  
 campeonatos, 24, 26  
 campo, 7, 19, 22, 23, 28, 29, 30, 36, 38, 55  
 cidadania, 32, 47, 53  
 cidade, 8, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 29, 30,  
 37  
 ciência, 10, 33, 34, 45, 50, 52, 55  
 copas, 8, 26  
 cristianismo, 31, 32  
 cultura, 26, 35

### E

educação, 7, 17, 23, 28, 41, 57  
 ensino, 22, 28, 38, 42, 48, 51, 53, 55, 57  
 espaços, 30, 37  
 esperanças, 9  
 estádio, 18

### F

filosofia, 33, 36, 50, 56  
 força, 18  
 formação, 7, 26, 36, 37, 41, 42, 43, 45, 46, 48,  
 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57  
 futebol, 7, 14, 17, 18, 25, 26

### G

globalização, 9, 42, 43, 53

### H

história, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 16, 18, 20, 21, 25,  
 26, 37, 40, 49  
 homem, 29, 30, 31, 36, 40, 44, 45, 52, 55

### I

ideal, 40, 43, 45  
 ídolos, 12, 15, 45  
 interior, 17, 31, 36, 37, 39

### J

jogadores, 7, 8, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25  
 juventude, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45

### M

memória, 7, 8, 9, 20, 21  
 mentalidade, 50  
 mercado, 23, 39, 42, 48  
 moralidade, 36, 47  
 mortos, 31

### N

Nietzsche, 29, 36, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48,  
 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57  
 Nilmar, 20

### P

popular, 8, 9, 11  
 profano, 29, 40

### Q

qualidade, 33, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 54,  
 55, 56, 57

**R**

ressentimento, 45  
resultados, 42, 48, 50

**S**

sagrado, 26, 28, 29, 30, 32, 37, 38, 39, 40  
sociedade, 7, 8, 9, 28, 36, 37, 43, 44, 46, 48, 49,  
51, 52, 53, 54, 56

**T**

tradição, 25, 31, 36, 56  
transição, 10, 28, 30, 35

**U**

universitária, 17  
urbanização, 28, 29, 38, 39

**A**presentamos três textos distintos entre si que podem suscitar discussões individuais ou entrelaçadas com o objetivo de destacar a questão cultural e educacional presente neles. Ensejando que o público em geral não somente tome conhecimento dos mesmos, mas realize, por meio de suas leituras e releituras dos textos aqui colocamos: uma participação e ampliação da discussão para a qual demos início.

ISBN 978-658831911-6



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

